

Manual de edição, citações e método
do Projeto de Estudos Judaico-
Helenísticos - PEJ

Vicente Dobroruka



Universidade de Brasília
Departamento de História
Brasília - DF -
BRASIL

ISBN 85-906142-1-2

© Vicente Dobroruka 2006

Destinado ao uso interno dos componentes do Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ, da Universidade de Brasília. Para maiores informações acesse www.pej-unb.org.
Venda proibida.

Discipulis meis



Índice	5
Introdução	8
1. A estrutura lógica	11
1.1. A hipótese de trabalho	
1.2. O comentário bibliográfico	
1.3. As conclusões	
1.4. O método e a organização da pesquisa	
1.5. A autonomia intelectual e seus limites em cada fase	
2. O texto	24
2.1. Projetos	
2.2. Relatórios	
2.3. Monografias, dissertações e teses	
2.4. Artigos e resenhas	
2.5. <i>Papers</i> de conferência (comunicações)	
2.6. Ensaaios	
2.7. Utilidade geral das normas em qualquer trabalho acadêmico	
3. O estilo	35
3.1. A quem se fala	
3.2. De quem se fala	
3.3. A grafia	
3.3.1. Termos em línguas mortas	



3.3.2. Termos estrangeiros	
3.3.3. Localidades geográficas	
3.3.4. Bom-senso e tradução de nomes próprios	
3.4. Quando citar	
4. Notas de rodapé ou de fim	44
4.1. Citação de livro	
4.2. Seção ou capítulo de livro	
4.3. Artigo	
4.4. Texto clássico, patrístico ou de tradição religiosa não-judaico-cristã	
4.5. Texto bíblico, apócrifo ou pseudepigráfico	
4.6. Citações repetidas literalmente	
4.7. Citações diferentes do mesmo autor e obra	
4.8. Citações de autor discutido antes, com outras obras intercaladas	
4.9. Citações de comunicação pessoal	
4.10. Citações de remissão interna	
4.11. Citações em segunda mão	
4.12. Citação simplificada	
4.13. Sistema autor-data	
5. Bibliografia	67
5.1. Comentários (i.e. textos modernos - posteriores ao séc.XVI)	
5.1.1. Livro	
5.1.2. Seção ou capítulo de livro	
5.1.3. Artigo	
5.1.4. Autores repetidos	



5.1.5. Autoria múltipla	
5.1.6. Anônimos, pseudônimos, presumidos ou psicografados	
5.1.7. Verbetes de enciclopédias ou obras de referência	
5.1.8. Comunicações pessoais, cartas e assemelhados	
5.1.9. Textos localizados <i>on-line</i>	
5.2. Fontes	
5.2.1. Texto clássico, patrístico ou de tradição religiosa não-judaico-cristã	
5.2.2. Texto bíblico, apócrifo ou pseudepigráfico	
5.2.3. Outros	
6. Apêndices	84
6.1. Fontes tipográficas	
6.2. Tabela de abreviaturas comumente usadas para textos bíblicos, apócrifos, pseudepígrafos ou relacionados à Antigüidade judaico-helenística de forma mais ou menos corrente	
6.3. Tabela de abreviaturas comumente usadas para coleções ou coletâneas consagradas, obras de referência etc.. Para periódicos não há necessidade de usar abreviaturas a não ser que se esteja escrevendo um texto longo (dissertação, tese ou livro).	
6.4. Traduções necessárias e supérfluas	
7. Bibliografia de referência	109



Introdução

Este livrinho destina-se exclusivamente ao uso interno dos membros do Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos (PEJ) e não pretende substituir as normas vigentes da SBL e / ou da ABNT referentes à bibliografia, editoração ou citação, sempre que estas forem exigidas por quem estiver encarregado de uma dada publicação. Trata-se apenas de orientação destinada a normalizar as citações, referências e demais ferramentas de orientação bibliográfica nos textos do grupo, quando não existirem outras diretivas pertinentes; trata-se, ao mesmo tempo, de um normalizador e de um guia de bom-senso, ou ao menos pretende sê-lo. Isto significa que, em todo e qualquer caso, o texto acadêmico em questão deve adaptar-se às normas exigidas pelo(s) editor(es), ainda que contrariem as instruções do presente documento e / ou pareçam absurdas aos componentes do grupo.

Este pequeno guia pretende também orientar quanto aos rudimentos do trabalho de pesquisa e dirige-se especialmente aos iniciantes na matéria (i.e. aos estudantes envolvidos com atividades de Iniciação Científica, PET e assemelhados). Os exemplos encontrados ao longo do texto são, via de regra, tomados das referências bibliográficas próximas ao trabalho do autor e, por extensão, do PEJ. Outras disciplinas seguirão normas distintas e este manual não se propõe a orientar estudantes de física ou mecânica quanto às normas de citação específicas dessas disciplinas.

A idéia de escrever este manual surgiu há alguns anos, num intervalo relativamente longo da pesquisa de doutoramento do autor (i.e., num daqueles períodos em que se entrega o original de um capítulo ao orientador e fica-se aguardando uma resposta, sem a qual é inútil prosseguir com o restante do trabalho por fazer). Durante esse período de



ócio forçado, dei-me conta das dificuldades experimentadas pelos orientandos que havia tido no Brasil antes de entrar de licença para capacitação. Essas dificuldades podem ser resumidas como sendo de três tipos:

1. De estruturação lógica do trabalho (hipóteses etc.);
2. De formatação (que normas seguir? Que sentido fazem as normas da ABNT neste ou naquele caso específicos?);
3. De apresentação (quando citar? Que corpo de letra usar? Quando usar citações e quando parafrasear?).

E do ponto de vista da bibliografia existente (que é numerosa, diga-se de passagem), podem ser sintetizadas da seguinte maneira:

1. O manual é ótimo, mas defasado (ainda refere-se ao uso da máquina de escrever, fichas de cartolina etc. - caso de *Como se faz uma tese*, de Umberto Eco);
2. O manual é medíocre e não dá conta das questões específicas do campo de conhecimento ao qual o PEJ se dedica, ou propõe normas absurdas que ninguém seguiria em sã consciência (por educação, abstenho-me de citar os inúmeros casos);
3. O manual é ótimo, mas muito do que prescreve somente faz sentido na língua em que foi escrito originalmente (casos dos manuais da Universidade de Sheffield e da SBL, por exemplo).

Pelos dois conjuntos de razões supracitados, resolvi compor um manual que, ainda que de escopo restrito, fugisse às armadilhas dos dois tipos. Espero ter atingido o objetivo, por setorial que seja; e disponho-me



desde logo a fazer, em versões futuras, as alterações que se mostrarem necessárias com o uso do texto em situações concretas. Essa é uma das bênçãos que a tecnologia nos oferece e da qual pretendo, sem medo de corrigir os deslizes da presente versão, usar e abusar num futuro próximo. Qualquer erro deve ser imputado unicamente ao autor; no entanto, gostaria de dividir a sensação agradável de haver concluído este manual com aqueles que dele farão uso, meus orientandos - e faço questão de deixar registrado meu agradecimento a Fabrício Santos Barbacena pela enorme ajuda na leitura dos originais. Sem eles a atividade acadêmica não teria justificativa profissional ou afetiva no que me concerne; há quem pense de modo diferente a relação de orientação, e esse outro ponto de vista deve ser respeitado. Todavia, por não ser o meu, é a meus orientandos que dedico este livrinho.

Vicente Dobroruka
Brasília, março de 2006



1. A estrutura lógica

1.1. A hipótese de trabalho

Todo trabalho científico deve partir de uma hipótese, por mais especulativa que seja: caso não a tenha, estaremos diante de um apanhado de conclusões alheias, ou de um catálogo de referências, ou ainda diante de uma nova versão ou tradução. Cada uma dessas três categorias tem seus méritos próprios, mas não é delas que estou tratando aqui (embora cumpra notar que em todas elas devem observar-se as convenções desenvolvidas nos capítulos anteriores).

A hipótese de trabalho pode aparecer no começo do texto (i.e. na “Introdução” ou num dos primeiros capítulos), de modo explícito e isolado ou ao longo de toda a obra. Na primeira possibilidade, é comum que os casos particulares, por mais numerosos que sejam, acabem por servir de mero apoio a este ou àquele argumento, e isso não constitui problema; na segunda por vezes fica mais difícil ao leitor entender onde se quer chegar.

O que é inconcebível é um texto científico sem hipótese - i.e. um texto que não tenha princípio nem desenvolvimento lógico. Nesse caso estaremos diante de um tipo perverso de beletismo, onde já não é a informação e seu desenvolvimento que contam, mas o mero arranjo das palavras; tem-se visto mais de um caso, e em autores famosos, em que o texto compõe-se de mero amontoado de palavras, usadas um pouco como retórica, um pouco como ficção. Mas esse ataque à razão não se justifica aos olhos do autor deste manual.



A hipótese, no fim das contas, é que dará forma à pergunta *fundamental* que o leitor inteligente fará ao final da leitura de qualquer texto científico: “O que eu não sabia antes de ler isto e agora sei?”.

Umberto Eco propõe o “índice” como hipótese de trabalho; é uma boa idéia, tanto mais que, com o uso dos editores de texto, alterar o que quer que seja é hoje em dia questão de minutos. Portanto, preparar um índice a partir do zero para alterá-lo 10 vezes ou mais é apenas uma questão de criatividade (pensemos em nossos ancestrais recentes, que tinham de mandar datilografar novamente todo um original a cada vez que mudavam de idéia).

Em suma, a hipótese de trabalho é um modo do autor do trabalho acadêmico formalizar aquilo que não sabe - e que deverá ter uma resposta *definitiva* ao final do texto. Entende-se por “definitiva” uma resposta que seja clara e plausível dadas as condições da pesquisa: desse modo, um “não sei” é perfeitamente aceitável como resposta final, desde que dito com segurança - por paradoxal que pareça. Muitas vezes o estado da documentação não permite avançar nas conclusões (é o caso de manuscritos lacunares ou documentos destruídos dos quais somente se tem referência).

E nunca se esqueça das quatro regras básicas de cientificidade sintetizadas por Umberto Eco: uma tese, ou texto acadêmico equivalente, deve:

1. Debruçar-se sobre um objeto reconhecível e definível de tal maneira que também seja reconhecível por outros;
2. O estudo deve dizer do objeto algo que ainda não tenha sido dito, ou rever sob uma ótica diferente o que já se disse;
3. O estudo deve ser útil aos demais;



4. O estudo deve fornecer elementos para a verificação e a contestação das hipóteses apresentadas¹.

Para que se possa levar a cabo as quatro metas acima propostas, é necessária a observação de uma série de procedimentos de todos os tipos, da organização da pesquisa até a impressão final. Espera-se que este manual facilite boa parte desse processo, mas ele não teria como inculcar em ninguém, estritamente falando, as noções de investigação científica e tudo que lhes é relacionado. Estas tornar-se-ão cada vez mais claras com o amadurecimento do estudante e do próprio trabalho.

¹ Umberto Eco. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 1989. Pp.21-25.



1.2. O comentário bibliográfico

Provavelmente, antes de você escrever sobre determinado tema outros já o fizeram, ou ao menos tangenciaram a sua hipótese de trabalho.

Você tem por dever de honestidade informar ao leitor quem são e o que dizem esses autores.

Pode-se fazê-lo num capítulo separado, ou em parte de um deles; mas deve-se evitar espalhar o comentário bibliográfico ao longo de todo o texto. Note que por “comentário bibliográfico” estamos falando da referência detalhada às idéias que antecederam às suas próprias e que em alguma medida ajudaram a formá-las, algo bem diferente de um comentário em sentido restrito (i.e. uma nota de rodapé ou fim citando o que alguém tem a dizer sobre um aspecto do problema tratado).

O comentário bibliográfico é normalmente extenso e exaustivo, devendo apresentar-se em ordem cronológica (quem foi o primeiro a tratar do assunto? Quando?), admitindo-se subdivisões temáticas (p.ex. dividir o comentário bibliográfico em autores que tratam, digamos, do tema do êxtase religioso do ponto de vista psiquiátrico-neurológico e os que o fazem segundo a antropologia, e dentro de cada um desses sub-itens fazer o comentário em ordem cronológica).



1.3. As conclusões

Uma vez que você tenha:

1. Formulado e exposto uma hipótese de trabalho;
2. Comentado o que os seus antecessores ou contemporâneos tenham a dizer (*contra* e a favor) sobre o seu tema;
3. Desenvolvido a hipótese de trabalho a partir de determinada metodologia (análise gramatical de termos específicos, experimentos de laboratório, entrevistas em trabalho de campo etc.),

é de se esperar que haja um item “4” denominado “Conclusão” ou similar. Aqui devem ser explicitados os resultados obtidos, que apóiem ou que contradigam a hipótese inicialmente formulada (“inicialmente” aqui tem sentido lógico, não significa que a hipótese de trabalho tenha de constituir a primeira frase de seu texto, mas que tenha sido, necessariamente, a pergunta que você se fez e cuja resposta agora apresenta diante do leitor). Uma boa forma de apresentar as conclusões obtidas é dividi-las em argumentos contrários e favoráveis à sua hipótese, e ao final explicitar porque você se inclina para um ou outro lado.

Também se pode restringir as conclusões ao mero enunciado do que o leitor já vai percebendo ao longo do texto como resultado da investigação; essa forma é menos didática mas nem por isso deve ser considerada inferior à outra.



1.4. O método e a organização da pesquisa

Por “método” entende-se aqui duas coisas:

1. O procedimento lógico mediante o qual você, investigador, delimitará um tema e lhe fará perguntas compatíveis com o que deseja saber (cf. item 2.1 no capítulo seguinte);
2. O procedimento lógico entendido em suas minúcias, por meio do qual você organizará suas fontes primárias e secundárias, fichará seus textos, organizará seus rascunhos, fará *backups* dos textos e tudo o mais que estiver ligado à parte operacional do seu trabalho.

Para a primeira definição, cumpre dizer que uma boa pergunta já é metade do trabalho: mesmo que não tenha como ser respondida de forma definitiva, irrefutável, ela pavimentará o caminho para outros que venham a fazer percurso semelhante ao seu. Assim se faz a ciência.

Por “pergunta” entende-se algo restrito, setorial e manobrável - em suma, uma coisa pequena o bastante para que se possa ter controle *considerável* sobre ela (como gostaria de poder dizer “controle total”, mas não me iludo), mas não tão pequena a ponto de você considerá-la mesquinha. Obviamente, o escopo da pergunta que está na base do método que utilizará depende em grande medida da extensão final pretendida do texto a ser escrito: dito de outra forma, perguntas pequenas correspondem à artigos ou comunicações pequenos, perguntas grandes corresponderão à teses ou livros grandes.

Exemplos de bons e maus começos - i.e. de boas e más perguntas - seriam, respectivamente:



1. É possível, a partir das referências a um certo “Daniel” em Ez 28:3, estabelecer vínculos com a figura conhecida como “Dn’il” na literatura ugarítica (e daí, com o “Daniel” do apocalipse que leva seu nome)?
2. Quem foi o personagem conhecido como “Daniel” que surge no apocalipse que leva seu nome?

No primeiro caso temos um objeto muito bem circunscrito, temática, cronológica e geograficamente. As fontes são poucas e manejáveis, o que o investigador se propõe a fazer é realizável e, secundariamente, a importância do tema em questão justifica-se por sua relação com o protagonista do apocalipse (no fundo, é isso o que importa saber, caso contrário o “Dn’il” da tradição ugarítica seria mera curiosidade de antiquários). Provavelmente alguém já investigou o tema, trata-se apenas de um exemplo.

No segundo caso temos um tema virtualmente ilimitado, geográfica, temática e lingüisticamente: mesmo que se inicie por uma abordagem cronológica (isto é, pelo “Dn’il” ugarítico), do que mais teremos de tratar e até onde vai a investigação? É um autêntico saco sem fundo, trabalho quase de síntese que idealmente necessitaria de mais de um autor e *muita* experiência e erudição acumuladas - em suma, nada que se possa fazer quando se trata dos primeiros passos na vida acadêmica.

Quanto à segunda pergunta, à clareza intelectual do que você quer (e pode, dentro de seus limites) saber deve corresponder idêntica clareza organizacional.

Antes de tudo, nunca leia um texto que você sabe que terá lugar na pesquisa sem fichá-lo. O fichamento poupa tempo na consulta e na



redação; obviamente estamos falando de fichamentos feitos no computador e não em folhas de papel soltas ou fichários pré-históricos. Nesse caso teríamos o efeito inverso - o trabalho seria triplicado, pois o percurso seria leitura > fichamento manual > escrita no computador, ou seja, uma espécie de ciclicidade perversa por multiplicar o tempo de trabalho ao invés de otimizá-lo - o que, ao fim e ao cabo, deve ser o objetivo de qualquer método de trabalho, em qualquer área.

Idealmente, o uso de uma caneta *scanner* é o ideal - evita a etapa intermediária de se ter de digitar o que se está lendo. Mas mesmo nesse caso - e a maioria dos estudiosos ainda não dispõe de *scanners* portáteis desse tipo (estamos escrevendo em 2006) - o tempo não é de todo perdido, de vez que, sendo o fichamento uma paráfrase, você sempre poderá cortar, colar e citar (tempo ganho); se for literal, adotará o mesmo procedimento mas entre aspas. E nos dois casos estará obrigado a fornecer a fonte (aliás, se estivesse escrevendo em bico de pena também).

Não existe modo ideal de fazer um fichamento de conteúdo (embora alguns docentes cheguem a usá-los como instrumento de avaliação - o que me parece impossível, dada a subjetividade essencial e inerente a qualquer tipo de fichamento), mas algumas regras básicas devem ser observadas num fichamento útil - i.e. naqueles que irão acompanhar o pesquisador pelo resto da vida:

1. Identifique com clareza autor, título e demais informações da obra (i.e. faça um cabeçalho para seu fichamento que se assemelhe a uma identificação catalográfica);
2. Nomeie de modo claro o arquivo criado (i.e. para cada livro, capítulo ou artigo - *crie um arquivo distinto*);
3. Identifique com clareza passagens e páginas;



4. A “regra de ouro”: num bom fichamento *não* se recorre mais à fonte original durante a realização do trabalho. Por oposição, num fichamento faltoso a todo instante somos obrigados a nos levantar da cadeira e voltar à estante de onde saiu, ou deveria ter saído, a informação que buscamos;

5. O fichamento é absolutamente pessoal: pessoas diferentes irão fichar o mesmo texto de forma diferente, e temas distintos também corresponderão a fichamentos distintos. Daí decorre outra vantagem de se fazer os fichamentos em meio eletrônico - quando sua cabeça ou seu tema mudarem, basta abrir o arquivo e fazer a alteração desejada. O mesmo não ocorre com as pilhas de papel geradas por outros métodos.

Do ponto de vista do controle de leituras, faz-se necessário um outro tipo de fichamento, o bibliográfico. Aqui não se trata de resumir o conteúdo de um dado texto, mas de identificar com clareza a sua proveniência e, depois, de dispor dessa informação de modo prático e imediato para lançá-la na bibliografia ou mesmo numa nota (i.e. mediante um simples cortar e colar). Em tempos idos fazia-se esse tipo de trabalho em fichas pequenas de cartolina, pautadas, que deveriam acompanhar o pesquisador onde ele fosse (Umberto Eco faz referência a isso e chega a afirmar que, no momento em que escreve - anos 70 do séc.XX - esse tipo de arquivo teve valor de revenda).

Pelos nossos padrões civilizatórios, esse tipo de procedimento chega a dar arrepios. Quantos riscos essas fichas correm - extravio, roubo, perda total ou parcial pela água ou pelo fogo, sabotagem deliberada de um desafeto?



Por tudo isso, organize sua bibliografia de trabalho também em meio eletrônico. Um programa excelente para isso é o *EndNote*, que também serve para fazer notas automaticamente (embora no meu entender ele não se preste muito bem à isso, sendo melhor se usado modestamente na sua função precípua de organizador de leituras e ponto final). Instruções completas sobre como utilizá-lo são dadas aos membros do PEJ mas, de todo modo, o programa vem acompanhado de um arquivo de ajuda que é auto-explicativo.

Em suma: organize diretórios (i.e. ponha seus arquivos numa lógica que só você mesmo poderá definir, dentro de pastas diferentes - p.ex. “Fichamentos”, “Tese rascunho”, “PIBIC 2006” etc. e *jamais* os deixe soltos na raiz, ou na pasta *default* do *Microsoft Word*, “Meus documentos”); organizando seus arquivos, você irá otimizar sua pesquisa e ganhar tempo. Não estamos mais na época da caneta tinteiro e os prazos de execução são cada vez mais corridos; possivelmente serão ainda menores no futuro. Faça do computador seu amigo e apoio e não veja seu uso como um mal necessário, mas antes como uma bênção peculiar dos nossos tempos.

Por fim, uma última e grave advertência: faça *cópias de segurança*, no plural, e não as armazene todas no mesmo lugar - pois nem sempre elas servirão apenas para restaurar um problema do computador, mas talvez para retomar o trabalho após algo mais sério como um incêndio ou roubo. E se *backups* e originais estiverem todos juntos, você perderá de uma só vez todos eles.

Se tiver acesso a esse tipo de serviço, use um servidor de *backup* na Internet; se não tiver, faça periodicamente cópias dos seus arquivos e as envie pelo correio para aquele parente ou amigo que mora no Oiapoque ou em Estocolmo. Quanto mais longe, melhor.



E para os *backups* domésticos, provavelmente você estará usando como mídia CD-RWs; lembre-se de que eles não são eternos e por mais que o fabricante garanta que eles podem ser regravados mais de mil vezes, é de bom-tom não usar o mesmo disco mais de 20. Troque sempre que puder, uma vez que a mídia torna-se cada vez mais barata. E evite como a peste *backups* em disquetes, a mídia mais frágil e menos confiável de todas - além do que, com o crescimento dos arquivos, você não conseguirá gravar muito num deles, de qualquer modo. Como regra geral, a mídia magnética portátil (disquetes, zips, *pen-drives* etc.) é menos estável do que a digital (CD-Rs, CD-RWs, DVD-Rs etc.; quanto aos DVD-RWs, ainda não se sabe ao certo qual o seu nível de confiabilidade). E, em qualquer caso, não compre jamais a mídia mais barata, pois é a segurança de *todo* o seu trabalho que está em jogo.

Por fim: não se esqueça de identificar *à mão* (nesse caso a boa e velha caneta ainda é o melhor meio) a data do *backup*, já que nem sempre a informação contida nas “Propriedades” de determinado arquivo é confiável quanto à data da última alteração.



1.5. A autonomia intelectual e seus limites em cada fase

A cada etapa do seu desenvolvimento intelectual deve corresponder um grau de autonomia, admitindo-se variações de indivíduo para indivíduo.

Todavia, é nos primeiros passos da atividade investigativa que se adquirem vícios e virtudes que, em muitos casos (senão em todos), arrastar-se-ão pelo resto da vida intelectual do acadêmico.

Não se espera que um trabalho de iniciação científica seja absolutamente original - aliás, atualmente a originalidade de descobertas sequer é considerada quesito obrigatório para a obtenção do grau de doutor, mesmo em universidades de prestígio -, mas, ao mesmo tempo não se pode admitir um beletismo *blasé* que contente-se em repetir ou comentar (com pretense charme ou, mais provavelmente, mau-gosto) o que outros já fizeram. No cerne de *toda* a atividade acadêmica, tem de existir uma pergunta que inquieta e atormenta o investigador: a essa pergunta ele irá dedicar talvez sua vida toda, talvez apenas parte dela - o que não reduz a preciosidade nem da pergunta, nem da própria vida.

Portanto, é de uma inquietação que deve surgir mesmo o mais modesto trabalho de IC; ampliada, essa mesma perturbação pode transformar-se em monografia e talvez em dissertação de mestrado ou tese doutoral. Note-se que a cada etapa aumentam o escopo e as expectativas dos envolvidos, dos dois lados da banca. Por isso evite, *se puder*, variar brusca ou totalmente de tema: cada recomeço significa um bocado de tempo perdido na aquisição de um tipo específico de erudição, tornado subitamente inútil. *Carpe diem*.

E lembre-se de que não está a escrever ficção: é uma das peculiaridades perversas de nossa área de atuação o fato do *produto final* da investigação ser vazado em molde literário. Isso não transforma o texto



acadêmico em ficção, nem faz do historiador um romancista (mesmo por uma questão de grau - é um sofisma argumentar que ambos executam as mesmas operações, variando apenas o nível de fidelidade com relação aos fatos em que um romance ou poema podem eventualmente se basear). Na opinião deste que escreve, o velho axioma do século retrasado ainda permanece válido: a história é o passado, na medida em que podemos conhecê-lo.

Que a “história” torne-se conhecida e praticada por meio da “historiografia” não funciona como bode expiatório epistemológico. Ouse pensar por si mesmo dentro dos limites que a sua habilidade lhe impuser em cada momento da vida, exponha esses resultados e não se assuste quando eles forem refutados: é assim que se produz o conhecimento, já não direi “científico”, mas pelo menos “racional”. Por outro lado, sucumbir ao irracionalismo não requer grandes esforços, nem mesmo a leitura deste manual.



2. O texto

O texto acadêmico, embora se apresente ao leigo sob formas aparentemente semelhantes, quer se trate de uma enciclopédia ou das atas de um congresso, mostra grande diversidade de tipos quanto ao propósito específico a que se destina. Embora todos os textos acadêmicos devam ter certos traços em comum (seriedade de linguajar correspondente à seriedade de propósito, rigor formal na apresentação, eventual e inevitável hermetismo nos termos usados, obrigatoriedade de citação bibliográfica e / ou bibliografia, entre outros itens essenciais), eles subdividem-se em diversos tipos, que atendem a determinadas necessidades.

Por isso, existem diferenças claras entre ensaios, projetos, teses, livros, introduções, *papers* de conferências, relatórios de projetos e demais tipos. Não se pode adotar o mesmo formato nem a mesma linguagem em todos os casos citados, sem alterações, por mínimas que sejam. Esta seção compreende orientações breves para os tipos principais.



2.1. Projetos

Quer se trate de projetos de iniciação científica, de mestrado, doutorado ou de financiamento de pesquisa, todo projeto segue uma estruturação lógica semelhante e deve ser apresentado em linguagem clara, objetiva e positiva. Hesitações do tipo “se for possível, faremos...”, “caso o projeto venha a ser aprovado, tentarei...” são inconcebíveis, traem insegurança, aborrecem o avaliador e anunciam antecipadamente o fracasso do proponente. Deve-se sempre falar em tom de projeto aprovado: “Na etapa 1 faremos isto e aquilo; a seguir, as fontes serão avaliadas; por fim, os resultados serão cotejados com a pesquisa anterior etc.”.

Além disso, todo projeto de pesquisa deve ser *extremamente objetivo*. Os avaliadores em geral estão sobrecarregados e mesmo que o autor do projeto seja um novo Machado de Assis, passará despercebido entre os 500 outros candidatos a serem avaliados nos próximos 30 minutos. Quanto mais objetividade, melhor.

Isto significa que quanto menor o tamanho do projeto, melhor: caso a instância avaliadora tenha fixado número máximo de páginas, *atenha-se a ele à todo custo*, por mais exíguo que pareça. O problema, no momento, é ter o projeto aprovado; isto obtido, pode-se dedicar o resto da vida à um trabalho em 60 tomos sobre o tema proposto.

Todo projeto divide-se esquematicamente em 4 partes:

1. Objetivo
2. Definição e delimitação do objeto
3. Metodologia
4. Bibliografia



1. Objetivo: o que se pretende fazer. Deve ser brevíssimo, apenas um aperitivo do que se vai servir em seguida. Ex.: “A investigação irá tratar das relações entre judeus e gentios na Cirenaica do séc.II a.C....”; “trataremos das justificativas médico-biológicas envolvendo a resistência popular à vacinação compulsória no Rio de Janeiro da República Velha...”.
2. Definição e delimitação do objeto: é a seção mais importante e exige precisão suprema. Não cabe mais, como há 150 anos, um projeto que tenha por assunto “O Egito ptolomaico”, ou “A Inconfidência Mineira”. Ao avanço da investigação corresponde um recorte cada vez mais setorial dos temas praticáveis (ex.: “O papel dos assentamentos de mercenários judeus na Cirenaica dos Ptolomeus no séc.II a.C.”; “Relevância das concepções pré-pasteurianas de saúde e doença na Revolta da Vacina” etc.).
3. Metodologia: o que se vai fazer para atingir o objetivo descrito em “1” relativamente ao objeto delimitado em “2”? Entrevistas, análise estratigráfica, experimentos de laboratório, estudos interculturais, investigação em jornais da época? Logicamente, as etapas da investigação devem seguir-se de uma avaliação e de uma redação finais, que terão de ser detalhadas. A metodologia pode compreender um cronograma de trabalho, que tradicionalmente é a parte mais maleável de toda a operação mas que não deve ser ignorada por isso.
4. Bibliografia: sem comentários, mas tão breve quanto possível dada a habitual exigüidade dos formatos de projeto.

Um bom projeto é um projeto aprovado: lembre-se de que, uma vez aceito, sempre há margem de manobra para alterações. O contrário é falso:



um projeto recusado sequer se inicia e, por isso mesmo, nunca chega a ser objeto de mudança. Seja positivo, firme e muito claro no texto do projeto, e proceda de modo idêntico se for o caso de modificá-lo no meio do percurso. Evite polêmica no projeto: seu objetivo, nessa fase, é ter o texto aprovado. Polemize mais tarde, a partir de uma posição mais segura.



2.2. Relatórios

O formato dos relatórios é bastante variado, mas todos têm por cerne a relação dos resultados obtidos no período a que se referem.

Como regra geral, o autor deve ater-se aos itens solicitados com o máximo de objetividade possível e encaminhar a (eventual) produção correspondente ao período para anexos. Desse modo, evita-se que o relatório torne-se uma paráfrase diluída do que se fez no período.

P.ex.: o autor está cursando o mestrado, e no relatório deseja fazer alusão aos artigos que produziu: deve colocá-los em anexo, com cópia da folha de rosto do periódico e da primeira página do texto (idealmente, do artigo completo). Deseja incluir os capítulos da dissertação concluídos no mesmo período? Também devem ir para o anexo. Pareceres do orientador fogem a essa regra de vez que em geral são enviados diretamente aos avaliadores institucionais.



2.3. Monografias, dissertações e teses

O formato desses três tipos básicos de texto acadêmico - que correspondem às três titulações essenciais da carreira (graduado, mestre e doutor) pode ou não variar de instituição para instituição. Algumas são extremamente minuciosas e sequer deixam ir à exame final um texto que não esteja formatado segundo as normas que as regem (nesse caso, jogue este manual fora e siga à risca o que lhe for pedido, por mais estapafúrdio que pareça). Outras dão ao aluno liberdade total para o sistema de citação adotado, restringindo ao mínimo o nível de exigência quanto à apresentação.

Mas em todos os casos, o autor deste manual *nunca* viu uma instituição que tolerasse incongruência interna no sistema de citação ou de apresentação adotado (i.e. a coerência sempre será cobrada: se iniciou com citações no sistema autor-data, terá de ir com ele até o final; se os títulos de livros estão em itálico, todos deverão estar, e assim por diante).

A organização de cada um desses textos deve seguir uma rotina similar, variando o grau de ineditismo da informação veiculada (mas até isso já não é ponto de honra em muitas universidades de renome, até mesmo em se tratando de teses de doutoramento). O investigador deve expor o problema (i.e. a pergunta), fazer uma revisão bibliográfica (i.e. comentar o que já foi escrito sobre o assunto, ou proximalmente ao tema) e dar início ao desenvolvimento do problema, fechando o texto com uma conclusão aceitável e racional *à partir das premissas em que se iniciou a pesquisa*.

Como em geral as introduções dos três tipos de texto listados neste item principiam por prometerem coisas (“farei isso”, “provarei aquilo”) é



uma boa idéia reler a introdução minuciosamente após o trabalho pronto e ver se o prometido foi de fato cumprido ou não.

Se não foi, você tem duas alternativas: ou retire discretamente a promessa inicial da introdução, ou veja se vale a pena cumpri-la e modifique o texto. Muitas vezes prometemos coisas no começo do texto por pura imaturidade ou falta de intimidade com o tema, e a pesquisa nos mostra que o proposto simplesmente não é viável: nesse caso é de absoluta honestidade intelectual rever as promessas feitas e adequá-las ao que se conseguiu realizar efetivamente.



2.4. Artigos e resenhas

Um artigo deve, via de regra, ser muito mais objetivo do que um livro ou tese, na medida em que seu formato é muito mais limitado; trata-se sempre, ou quase sempre, de resumir num espaço exíguo o que o pesquisador sabe que levaria toda uma vida estudando e nem assim esgotaria o tema. Por isso, ao escrever um artigo você deve atacar o problema de modo tão imediato quanto possível, e oferecer rapidamente um histórico das motivações que o levaram até o tema (de onde surgiu a idéia, se houve antecessores ou pontos de vista antagônicos ao seu etc.). E atenha-se ao limite da revista proposta e principalmente às normas de formatação, quando estas forem definidas, *mesmo que elas se oponham às diretrizes deste manual e mesmo que elas se oponham ao seu bom-senso*. Lembre-se que incoerências dessa natureza são responsabilidade dos editores, do mesmo modo que você, como autor, é livre para publicar onde quiser e se quiser. Mas se aceitou publicar num determinado periódico, terá por obrigação cumprir as normas impostas aos colaboradores do mesmo.

Resenhas são curtas demais para oferecerem grandes dificuldades de formatação; observe as normas acima e lembre-se de criticar no mesmo tom em que gostaria de ouvir uma crítica, se estiver manifestando restrições ao trabalho de outrem.



2.5. *Papers* de conferência (comunicações)

Existem 2 formas básicas de proferir conferências, palestras e assemelhados:

1. Lendo cada palavra tal como se encontra no texto que redigiu previamente (a mais antipática, mas garante relativa segurança quanto à exposição pública);
2. Parafraseando a si mesmo e buscando interagir com o público, em especial por meio da fala e do olhar variando de pessoa para pessoa na platéia (a mais didática, porém a que requer mais segurança por parte do orador).

Ambas são válidas; pessoalmente prefiro a segunda pelas possibilidades de simpatia e interação mais imediatas que oferece. Mas nos dois casos as normas de publicação seguem, se possível, as indicações deste manual; caso os organizadores do evento, exercendo um direito legítimo, proponham normas diferentes, respeite-as. Lembre-se que, se você pretender publicar uma versão modificada de seu *paper* poderá fazê-lo por outros critérios, se assim o desejar.

Algo importantíssimo a ser observado é a obediência ao seu limite de tempo: *não o estoure em hipótese alguma*. Provavelmente estará falando antes ou depois de alguém, e o palestrante seguinte ficará impaciente e o público aborrecido com o seu desrespeito pelos demais componentes da mesa. Mas a mesma regra de boa educação vale se estiver proferindo uma palestra sozinho; é preferível terminar abruptamente do que servir-se de um tempo que não lhe foi originalmente destinado.



2.6. Ensaaios

Constituem, sem dúvida, a modalidade mais leve e mais popular (ao menos no contexto acadêmico brasileiro) de trabalho científico. Mesmo desobrigado da originalidade, da comprovação ou do lançamento de hipóteses - em suma, de tudo o que torna um trabalho estritamente científico tão árido, muitas vezes -, você permanece ligado às normas de apresentação, clareza de raciocínio e limpeza do texto. O ensaio, por ser menos exaustivo do ponto de vista do material que apresenta, nem por isso deve ser frouxo em sua apresentação formal.



2.7. Utilidade geral das normas em qualquer trabalho acadêmico

As normas expostas ao longo de todo este capítulo servem para todo e qualquer trabalho acadêmico, admitidas as variações de caso para caso já citadas e as exigências ou excentricidades de instituições, cursos ou professores. Lembre-se disso e utilize este manual em seu proveito na elaboração de trabalhos de final de disciplina, apresentações ou seminários e demais tarefas da vida acadêmica fora dos diplomas ou textos de apresentação mais rigorosa.



3. O estilo

Por estilo entende-se aqui o modo pessoal e inconfundível no qual as informações constantes de um texto acadêmico são vazadas.

Em ciências exatas ele também se faz presente, embora menos notado (e menos exigido) em função do hábito intelectual daquelas disciplinas. Inversamente, nas ciências humanas e sociais o estilo do autor é tão importante que chega muitas vezes a ofuscar o conteúdo do texto - e nas mentes pós-modernas confunde-se com o mesmo.

Seja como for, o fato de se estar compondo um texto acadêmico, qualquer que seja a área, não é escusa para se escrever mal. Não há regra fixa para o estilo, com exceção de uma, para o autor deste manual: é lendo que se aprende a escrever.

Não se aprende a escrever relatórios para o CNPq lendo Vinicius de Moraes ou Euclides da Cunha - mas o texto final sairá bem melhor, com certeza. É também necessário levar em conta as peculiaridades de cada um como autor - uns gostam de períodos longos, outros de curtos; uns citam no corpo do texto, outros preferem as notas; enfim, “Escrever bem consiste em pensar, sentir e expressar-se bem, com clareza de mente, de alma e de gosto [...] O estilo é o próprio homem”².

² Na expressão consagrada do original francês, “le style c’est l’homme même”. Georges-Louis Leclerc, Conde de Buffon. *Discours sur l’style*. Hull: Department of French of the University of Hull, 1978. Buffon (1707-1788) tornou-se conde em 1773 e notabilizou-se por seus estudos de botânica, em especial no que diz respeito às propriedades das diversas madeiras - o que prova que mesmo nos campos mais áridos há espaço para o bom-gosto e sensibilidade.



3.1. A quem se fala

O tom com que nos dirigimos ao leitor deve ser ao mesmo tempo seguro e *relativamente* modesto. Incomoda a mediocridade de frases do tipo “...não estou à altura, mas tentarei”, “...não estou bem certo, mas” etc.. Umberto Eco já colocou-se sobre a questão melhor do que o autor deste manual; ser chorão aborrece e não resolve as questões do próprio texto. Se não estava à altura, não deveria ter se proposto escrever o texto; se não tem certeza do que vai dizer, remeta o assunto para uma nota de rodapé ou detenha-se com vagar nas possibilidades diversas que vai oferecer ao leitor.

Mas uma vez pronunciando-se sobre o assunto, seja positivo (de preferência no singular, a não ser que se pretenda deliberadamente falar em nome do leitor, como na primeira linha do parágrafo acima). “Em face das evidências, penso que...”, “Fulano pensa de tal modo, mas sou de opinião diversa:...”.

Não tenha medo de ser assertivo: de todo modo, algum dia o que se está dizendo será substituído por outro conjunto de proposições, tenha você sido “chorão” ou não. O tempo não será mais complacente com os investigadores ostensivamente humildes, embora talvez o seja com os mais honestos.

Deve-se evitar, por outro lado, o tom de familiaridade excessiva. Gírias são inconcebíveis em texto científico (a menos, é claro, que se esteja fazendo um texto acadêmico sobre seu uso), embora sejam mais ou menos correntes em exposições orais. Dão um tom vulgar ao texto escrito e muitas vezes seu regionalismo intrínseco impede sua compreensão pelo leitor de outra tradição ou localidade diferentes daquelas de quem as profere. Por tudo isso, devem ser evitadas.



Todos os sinais e acentos que saltam aos olhos de quem lê devem ser usados com parcimônia (menor quando se trata de dois pontos ou ponto-e-vírgula). Exclamações dão ao texto um quê de infantil, e reticências (não de citação interrompida, mas indicando dúvida ou suspensão do juízo) dão um ar de amadorismo - de quem pensa ter acabado de inventar a pólvora e busca se promover com isso.

Interrogações não parecem conferir ao texto qualquer característica especialmente desagradável, mas poluem a leitura se demasiado freqüentes.



3.2. De quem se fala

Normalmente as referências a comentadores obedecem à certa formalidade: assim, ao criticarmos ou apoiarmos fulano ou beltrano, devemos tratá-lo pelo sobrenome (eventualmente incluindo o prenome, embora isso polua o texto um pouco mais).

Em termos de método, os textos de quem se fala devem distinguir-se, tanto quanto possível, das fontes *sobre as quais se fala*. Por comodidade, cada vez é mais freqüente a listagem corrida e alfabética de autores primários e secundários nas bibliografias de trabalhos acadêmicos (mesmo os textos de fim de curso no *site* do PEJ seguem esse - mau - exemplo; cf. http://www.pej-unb.org/finals_br.htm).

Para as discussões pertinentes ao tema do projeto em questão, é de bom tom observar a etiqueta acadêmica e, se for o caso de discordar, de fazê-lo de modo tão elegante quanto possível. A grosseria não tornará nenhum argumento mais forte, mas revelará muito sobre a natureza de seu autor perante a comunidade acadêmica.



3.3. A grafia

3.3.1. Termos em línguas mortas

Quando se tem de utilizar termos em línguas mortas (p.ex. o avéstico ou o cuneiforme), surgem duas possibilidades: citá-lo usando uma fonte tipográfica que reproduza a escrita original ou transliterando-o.

A primeira hipótese gera mais problemas que soluções: limita a inteligibilidade (já que o autor deve ter sempre em mente seu público-alvo) e um sem-número de dificuldades para os editores e impressores. Evidentemente, se você estiver publicando num periódico altamente especializado (p.ex. o *Journal for Cuneiform Studies*), não faz sentido transliterar como princípio geral. Mas se for tratar de um texto cuneiforme em revista de circulação mais ampla (p.ex. *Semeia*), a não-transliteração possivelmente será rejeitada pelos editores.

O principal problema oferecido pela transliteração é que em geral existem inúmeras formas de transliterar a mesma palavra: “Zartosht”, “Zartusht”, “Zaratusht” e, por fim, “Zoroastro”, são formas semelhantes mas não idênticas de referir-se ao mesmo personagem.

Como regra muito geral, é conveniente seguir a forma pela qual o termo foi primeiramente traduzido em grego e segui-la de perto, embora isso nem sempre funcione (“Oromazes”, forma de “Ahuramazda” encontrada em Plutarco - *De Ísis e Osíris* - não faz o menor sentido ao leitor não-especializado).



3.3.2. Termos estrangeiros

Existem conceitos, em diversas línguas (antigas e modernas), que parecem desafiar traduções: *tyché*, *virtú*, *marksmanship*, *nonchalance* são alguns dos exemplos mais famosos. Quem tem alguma familiaridade com eles sabe que seria tolo traduzi-los, respectivamente, por “sorte”, “virtude”, “pontaria” ou “desdém”. Cada um dos conceitos acima, no original, expressa algo que se compreende mas que é, ao mesmo tempo, intraduzível (como o termo português “saudade” - muito mais do que o inglês *longing for*); nesses casos, é melhor mantê-los no original, não por esnobismo, mas por respeito ao nosso objeto. A tradução de nomes próprios coloca dificuldades de outra ordem, tratadas em 3.3.4.



3.3.2. Localidades geográficas

Do mesmo modo, a grafia dos nomes das cidades deve ser mantida tal qual se encontra na página do *copyright* e de modo geral não deve ser aportuguesada - assim, “New York” e não “Nova Iorque”, “Frankfurt-am-Main” e não “Francoforte sobre o Meno”; no caso de línguas muito distantes do conhecimento esperado do leitor médio, a adaptação é aceitável (“Cantão”; “Xangai” - para as alterações de grafia na transliteração do chinês, consultar normas da ABNT ou equivalente. Tenho visto ambas, tanto “Pequim” como “Beijing”, mas não faz sentido manter uma transliteração em segunda mão; se o livro é inglês e temos “Peking”, mudar para “Pequim”).

As transliterações do hebraico devem seguir a mesma regra: assim, “Jerusalém” e não “Yerushalaim”.

Para escavações arqueológicas, manter os usos correntes mesmo quando a transliteração de tendência recente apontar para outra direção (Tell-el-Amarna; Saqara; Gizé - mas não “Gizeh”, cf. 3.3.1.; Nahal Hever; Nimrud Dag).



3.3.3. Bom-senso e tradução de nomes próprios

Em geral, nomes próprios como “Platão”, “Erasmus”, “Lutero”, “Josefo” estão estabelecidos no vernáculo há *muito* tempo. Por essa razão, alterá-los em nome da “autenticidade” ou da razão que seja soa tolo a maior parte das vezes (cf. 3.3.1).

No caso de nomes gregos ou latinos, deve-se aporuguesá-los quando seguirem algum exemplo mais conhecido – p.ex. “Timeu” por analogia com “Alceu”, e não “Timaios”, pretensamente mais autêntico ao idioma original do personagem em questão. O mesmo para “Catulo” e não “Catullus” etc.

No caso de nomes bem conhecidos em línguas não-indo-européias (p.ex. o hebraico - Iohanan ben Zakkai), não se deve jamais aporuguesar - seria ridículo “João ben Zacai” (embora nem tanto “João *filho de Zacai*”, que é o que o termo *ben* expressa). Aqui como em tudo o mais deve-se seguir o bom-senso: termos consagrados pela tradição devem ser mantidos (Lutero, Platão, Políbio, César, Josefo, Bar-Kochba, são apenas alguns dos exemplos mais comuns).

Noutros casos admitem-se variações menores: “Baruch” ou “Baruque”? Creio que deve-se sempre optar pela grafia mais universal, salvo usos consagrados como os do parágrafo anterior. Assim, “Baruch” e não “Baruque”. Em suma, traduzir nomes próprios só se torna admissível quando já existir uma tradição relativa ao mesmo.



3.4. Quando citar

Sempre que necessário, mas *nunca* para exibir erudição; isso polui o texto, dificulta a leitura e confere um ar de “novo-rico” (ou seria de “novo-acadêmico”?) ao seu autor. Cf. as regras do capítulo 1 deste manual para os procedimentos normais de citação.

Como regra geral, deve estar *sempre* claro para o leitor o que se escreve autonomamente, o que se parafraseia e o que se cita literalmente. A confusão entre os três itens é grave e pode facilmente ser entendida como má-fé deliberada por parte do autor do texto.

As regras de citação variam em cada área do conhecimento, sendo que em certas áreas as notas de rodapé somente são aceitas quando se trata de desenvolver temas suplementares ao texto principal; para historiadores, orientalistas e teólogos, entre outros, é absolutamente aceitável ter notas de mera citação no rodapé ou, eventualmente, no final do texto.



4. Notas de rodapé ou de fim

Como o título do parágrafo sugere, o tópico abrange as formas de citação para as notas no corpo do texto. Com exceção do sistema autor-data (cuja implementação parece inevitável em médio prazo, e que apresentaremos a seguir), as citações devem obedecer à numeração seqüenciada (que o *Microsoft Word* faz automaticamente, salvo instrução contrária do usuário), no fim do texto ou, como é praxe nos trabalhos do PEJ, em notas de rodapé.

As notas servem para:

1. Citar fontes primárias (que também podem ser mencionadas no corpo do texto);
2. Citar comentadores, de qualquer natureza (livros, e-mails, comunicações privadas, conversas pessoais, páginas da Web, atas de eventos, números de jornais, programas de rádio ou TV etc., que não se deseja mencionar por extenso no corpo do texto);
3. Desenvolver conceitos, exprimir idéias ou fornecer pontos de vista, quer contrários aos do autor do texto quer coincidentes com os mesmos;
4. Remeter a outros trechos do mesmo documento (*atenção* para as alterações eventuais de paginação; este tipo de referência é o mais difícil de se controlar e deve ser feito, preferencialmente, após a conclusão do texto).



As citações em nota de rodapé ou de fim, independentemente de seu conteúdo, devem sempre ser 2 pontos menores do que a fonte do texto (p.ex. Courier New 12 pt no texto mas 10 pt nas notas), justificadas (*atenção*, o *Microsoft Word* não faz isso sem que o usuário escolha, e nem inclui na formatação o número da nota no rodapé, que deve ser selecionado e formatado pelo usuário) e em espaço simples; isto vale para qualquer tipo de citação em nota*.

Seguem abaixo alguns modelos ilustrativos comentados.

* No caso deste manual, por conveniência técnica da gráfica encarregada da impressão, o corpo principal do texto encontra-se em Times New Roman 14 (ou maior, para os títulos) e 12 para as notas, no arquivo original do *Microsoft Word*.



4.1. Citação de livro

As observações abaixo valem para citações em artigos, capítulos, comunicações em evento ou seções de livro que não contenham bibliografia em separado, caso em que se pode aplicar as normas do item 4.12 deste capítulo. Não havendo seção bibliográfica em separado as notas devem suprir sua função, oferecendo ao leitor referências tão completas quanto possível.

O exemplo de autor citado deveria, evidentemente, vir em nota de rodapé³ e não no corpo do texto; os procedimentos de alguns tópicos abaixo serão discutidos ao longo dos parágrafos apenas por conveniência. Também por respeito às normas de apresentação os exemplos serão sempre formatados em espaço simples com recuo.

¹ Herbert Musurillo. *Acts of the Pagan Martyrs*. New York: Oxford University Press, 1954. Pp.236-237.

- Nome + Sobrenome. [caso haja nomes intermediários, abreviar o segundo + “.” + “espaço” - ex.: John J. Collins]

- *Título do livro em itálico*. [atenção para o ponto, vírgula e demais sinais de separação entre os itens da citação não seguirem o formato específico daquela seção - i.e., cuidado para o “ponto” após o título não ficar em itálico também]

³ Herbert Musurillo. *Acts of the Pagan Martyrs*. New York: Oxford University Press, 1954. Pp.236-237.



- Cidade: [no caso de edições múltiplas, cidade 1 + “espaço” + “/” + “espaço” + nome da cidade 2, e assim sucessivamente] - ex.:

¹ Michael Stone. *Selected Studies in Pseudepigrapha and Apocrypha with Special Reference to the Armenian Tradition*. Leiden / New York / Kobenhavn / Köln: Brill, 1991.

A grafia dos nomes das cidades deve ser mantida tal qual se encontra na página do *copyright* e de modo geral não deve ser aportuguesada, embora existam exceções a essa norma; cf. acima 3.3.2 e 3.3.3.

- Editora, [idem para o caso de edições conjuntas]

- Ano da edição [e não da impressão; cf. sempre a data do *copyright*. Quando não existir, colocar entre colchetes a data que for fornecida para a impressão, situada em geral ao fim do livro - ex.: [1954].

- Páginas [em maiúsculas; “Pp” no caso de mais de uma] + “.” + SEM ESPAÇO números.

Textos em caracteres não-ocidentais: devem ser transliterados segundo os critérios vigentes, internacionais e / ou ABNT, com algum tipo de observação quanto ao fato; ex.:

¹ David Flusser. *Sefer Josippon*. 2 volumes. Jerusalém: Bialik, 1964 (em hebraico).

No exemplo acima, o texto está em hebraico moderno e *todo* o conteúdo da referência de Flusser foi transliterado, mantendo-se o nome da



cidade conforme o uso corrente em português (“Jerusalém” e não “Yerushalaim”).



4.2. Seção ou capítulo de livro

Prevalecem sempre as normas definidas em 4.1 referentes à formatação, que não serão repetidas doravante por serem óbvias uma vez mencionadas.

¹ Helmer Ringgren. “Akkadian apocalypses” in: Daniel Hellholm (ed.). *Apocalypticism in the Mediterranean World and the Near East: Proceedings of the International Colloquium on Apocalypticism, Uppsala, August 12-17, 1979*. Tübingen: Mohr, 1983.

Como no exemplo 4.1, com as seguintes observações:

- “Nome do capítulo ou seção” entre aspas [*atenção* para as aspas inglesas, pode-se cometer o erro de deixá-las simples; cf. o *setup* do *Microsoft Word* (“Ferramentas > AutoCorreção > AutoFormatação ao digitar”)]

- in: Nome Sobrenome [*atenção* para o fato do(s) editor(es) serem organizador(es) (org., orgs.), coordenador(es) (coord., coords.) ou editor(es) (ed., eds.) etc.; a mesma regra vale para autoria ou coordenação de livro como primeira entrada, individual ou coletiva]

Caso a obra em que se encontra a seção já tenha sido citada, citar o sobrenome do organizador + “op.cit.”; ex.:

² Tord Olsson. “The apocalyptic activity. The case of Jāmāsp Nāmāg” in: Hellholm, op.cit. pp.21-50.



4.3. Artigo

¹ Frederick J. Murphy. “Sapiential elements in the *Syriac apocalypse of Baruch*” in: *Jewish Quarterly Review* 76, 1986.

Como no exemplo 4.2, com as seguintes observações:

- “Nome do artigo” entre aspas [*atenção* para as aspas inglesas, cf. 4.2]

- in: *Nome do periódico em itálico* [tão completo quanto possível, aceitando-se abreviaturas na primeira nota - “daqui para a frente, *JQR*” - ou em seção de abreviaturas no começo do texto. Em textos curtos, não faz sentido usar qualquer das duas opções acima. O uso de abreviaturas sem explicação dá a entender que se trata de referência em segunda mão, i.e. que o autor não teve contato com o texto citado. Nesse caso deve vir acompanhada de um “Cit. por...”].

- Número do periódico, [+ série ou volume, quando houver, eventualmente entre parênteses]

[+ Página(s), quando se tratar de citação pontual e não do artigo como um todo]

- Ano da edição: quando volume, ano ou similar forem indicados em algarismos romanos, transformar em arábicos.

Procedimento similar deve ser adotado ao se fazer citações de verbetes de enciclopédia ou dicionário, como nos exemplos abaixo:



¹ Richard R.K. Sorabji. “Animals, attitudes to” in: Simon Hornblower e Antony Spawforth (eds.). *Oxford Classical Dictionary*. Terceira edição. Oxford: Oxford University Press, 1996-2000. CD-Rom, Versaware.

Verbetes de dicionário popular dispensam a entrada em nome do autor (que tampouco é obrigatória no exemplo acima, mas que deve transformar-se em padrão no PEJ), por exemplo:

blá blá blá e) **piżw**⁴ blá blá blá blá blá

⁴ “Esperar”, “ter esperança”, apud Liddell-Scott (*An Intermediate Greek-English Lexicon*. London: Oxford University Press, 1889-2001).



4.4. Texto clássico, patrístico ou de tradição religiosa não-judaico-cristã

blá blá blá blá blá (Josefo. *Guerra dos judeus* 7.20) blá blá

- Nome do autor [o nome pelo qual ele é conhecido; *nunca* Josefo, Flávio ou César, Júlio].

- *Título em itálico* [quando por extenso; se abreviado, em caracteres redondos, “BJ”; pode-se prescindir do nome do autor em citações seguidas, bastando a abreviatura da obra]. [*atenção* para o ponto não ficar em itálico também]

- + “espaço”

- Número do livro ou seção em algarismos arábicos.

- + número da subdivisão da edição moderna [evitamos, por questão de praticidade, descer à sistemas de citação em 3 algarismos - i.e. até a linha do texto editado]

Para deixar claro ao leitor que edição se está usando, deve-se informar, na primeira nota ou entrada do texto, a referência completa:

¹ ...blá blá blá (Josefo. *Guerra dos judeus*. 7.20. Para as obras de Josefo, utilizei a edição da Loeb Classical Library. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1928-1997 [pode-se alternativamente citar em nota outro sistema de numeração utilizado, ou todos os existentes, mas *jámais* alternando os diferentes tipos no mesmo texto]) blá blá blá...



Alternativamente, pode-se também informar a edição moderna na bibliografia ou numa nota antes do começo do texto principal (depois do índice, se houver).

Para edições padrão consagradas como os *Fragmentos dos historiadores gregos* de Felix Jacoby, adotar a numeração do autor - ex.: Alexandre Polyhistor. FrGH 273 [identificação do autor] / 102 [identificação do fragmento; em alemão, *Fragmente der Griechischen Historiker*].

Em edições como Jacoby, é erro grave citar apenas a página em que o texto se encontra em determinado volume; pode-se citar a página desde que o resto da referência esteja completa. No caso de Jacoby, deve-se citar por completo a coleção de fragmentos na bibliografia mas basta o FrGH nas notas.



4.5. Texto bíblico, apócrifo ou pseudepigráfico

blá blá blá blá blá (2Mc 6:18-31) blá blá

- Nome do livro abreviado [quanto menos letras melhor; assim “Mc” e não “Mac”, a menos que haja confusão com outro livro - ex.: “Jó” com “Jo” o Evangelho, ou “Ecl” com “Eclo”. “2Mc”, *Segundo Livro dos Macabeus*, não se confunde com “Mc”, o *Evangelho de Marcos*]

- Número do capítulo em algarismos arábicos: [ATENÇÃO para os 2 pontos para texto religioso, canônico ou pseudepigráfico]

- SEM ESPAÇO + versículos em algarismos arábicos

- Para capítulos *ou* versículos diferentes, “;” entre eles

Para textos não canônicos observar o bom-senso e as normas correntes, dando preferência à números ao invés de títulos longos - i.e. 2Br e não ApSirBar; 1En e não Enoch etiop., etc.. “2Bar” ou “3Bar” são aceitáveis mas, havendo a possibilidade de redução, deve-se preferir sempre o menor - “2Br”.

Para os Manuscritos do Mar Morto, dar sempre preferência aos fragmentos que são identificados por siglas próprias mais do que à numeração dos mesmos – p.ex.: 4QFlor e não 4Q174 -, pois isto facilita a identificação imediata pelo leitor, uma vez que somente fragmentos importantes adquiriram identificação própria independente da numeração. Observar as siglas correntes - i.e. 1QM (de *milkhamah*, “guerra”) para a



Guerra dos filhos da luz contra os filhos das trevas - e não “inventar” siglas em hipótese alguma (como “1QGuerra” ou similar). Cf. o item 6.2.



4.6. Citações repetidas literalmente

A norma vale para citações *idênticas*, i.e. do mesmo autor, obra e página, e em seqüência imediata:

blá blá blá blá blá blá blá blá⁵ blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá
blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá⁶ blá blá
blá blá blá blá blá

ou

blá
blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá
blá blá blá blá blá⁷.

⁵ Charles W. Fornara. *The Nature of History in Ancient Greece and Rome*. Berkeley / Los Angeles / London: University of California Press, 1983. P.10.

⁶ Id. *ibid.* [isto significa que se está repetindo o mesmo livro de Fornara e também a página 10; caso haja alguma citação distinta em autor, obra ou página depois dessa não se pode mais usar o “Id. *ibid.*”; cf. o próximo item]

⁷ Idem, p.35 [somente para alterações de página, mas mantida a seqüência imediata de citações da mesma obra].



4.7. Citações diferentes do mesmo autor e obra

A norma vale para citações de uma mesma obra fora de seqüência.

blá blá blá blá blá⁸ blá blá blá blá blá blá⁹ blá blá blá blá blá blá blá
blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá
blá blá blá blá blá¹⁰.

⁸ Charles W. Fornara. *The Nature of History in Ancient Greece and Rome*. Berkeley / Los Angeles / London: University of California Press, 1983. P.10.

⁹ Edward P. Sanders. *Jewish Law from Jesus to the Mishnah: Five Studies*. London / Philadelphia: SCM / Trinity Press International, 1990. P.127.

¹⁰ Fornara, op.cit. p.10. [mesmo que a página seja a mesma da última citação, deve-se repeti-la; caso trate-se de mais de uma página, o “pp.” em minúsculas depois do “op.cit.”]



4.8. Citações de autor discutido antes, com outras obras intercaladas

Neste caso o autor deve adotar um critério próprio, com abreviaturas tão concisas quanto possível, para diferenciar obras diferentes já citadas.

blá blá blá blá¹¹ blá blá blá blá blá¹² blá blá blá blá blá blá blá blá blá
blá blá¹³ blá blá blá blá¹⁴ blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá¹⁵.

¹¹ Mary Boyce. *A History of Zoroastrianism*. 3 volumes. Leiden: Brill, 1975. Vol.1. Pp.25-26.

¹² Mary Boyce. *Zoroastrians: their Religious Beliefs and Practices*. London / Boston: Routledge & Kegan Paul, 1979. P.122.

¹³ Hans Bietenhard. *Die himmlische Welt im Urchristentum und Spätjudentum*. Tübingen: Mohr, 1951. P.15.

¹⁴ Boyce, *History*, vol.2, p.34.

¹⁵ Boyce, *Zoroastrians*, pp.101-110.



4.9. Citações de comunicação pessoal

Devem ser usadas com o *máximo* critério e *sempre* com a autorização do autor (para autores incomunicáveis, falecidos, seqüestrados ou abduzidos, usar o bom-senso e examinar se o que se vai afirmar em nome do ausente não é polêmico demais para atribuir a alguém que não pode se defender); é preciso ter em mente que citações fora de contexto podem facilmente transformar-se em questões judiciais pelos autores ou herdeiros.

Tampouco faz sentido citar comunicações particulares, e-mails ou assemelhados para reafirmar convicções banais e exibir intimidade com nomes famosos. Um exemplo de citação de comunicação pessoal pertinente seria:

Aparentemente pode-se falar em “circularidade” no desenvolvimento dos temas da *Autobiografia* de Josefo, ou seja, os mesmos temas surgem de modo simétrico ao longo da obra¹⁶.

Mas nunca

O *Quarto livro de Esdras* ou 4Ezra faz menção ao uso de meios artificiais de inspiração, tais como plantas alucinógenas e uma substância que pode eventualmente ser identificada com o meimendro¹⁷.

No primeiro caso, trata-se de uma idéia absolutamente original que deve ter custado muito tempo de reflexão ao seu autor (ou, talvez um *insight* genial desses que não acontecem todos os dias). Em todo caso, é um achado precioso, pois ninguém (que eu saiba) notou a referida simetria

¹⁶ Correspondência particular com Steve Mason.

¹⁷ Correspondência particular com John J. Collins.



antes de Mason. Portanto, o descobridor do traço na *Autobiografia* merece todos os créditos possíveis, por uma questão de honestidade e de prêmio ao mérito intelectual. Foi ele quem percebeu a simetria, e não você. Reconhecê-lo é honesto, apropriado e remete o leitor diretamente ao especialista na questão.

No segundo exemplo, trata-se de fato banal verificável por qualquer pessoa alfabetizada, e a nota teria o mero efeito de exibir ao público que o autor do texto tem intimidade suficiente com um nome consagrado como John J. Collins - algo de gosto duvidoso e que impressionará mal os verdadeiros acadêmicos da área (evidentemente caberia uma nota com as passagens de 4Ezra que tratam do êxtase ou até de bibliografia especializada sobre o assunto, uma vez que o leitor médio provavelmente não tem a menor idéia do tema, mas nunca uma nota de comunicação pessoal. Notas desse tipo conferem um ar pretensamente esotérico à citação, risível quando não se trata de algo realmente inédito).

O mesmo critério vale para citar comunicações em congressos, simpósios e assembléias, embora estas independam da autorização dos autores uma vez que se trata de texto lido em público. O cuidado, nesse caso, deve ser o de não citar o autor erradamente ou fora de contexto - pois isso pode facilmente ser interpretado como ato malicioso, mesmo que não o seja.

Para citações de fontes *on-line*, cf. o item 5.1.9.



4.11. Citações em segunda mão

Idealmente não deveriam aparecer em trabalho científico, pois implicam o fato de que o autor do texto está citando algo que não leu (logo a fonte da qual se tira a citação pode estar errada). Mas é muito difícil não lançar mão do recurso, seja pelo acesso impossível a determinada obra ou ao caráter relativamente supérfluo da mesma no conjunto do tema proposto. São citações importantes para que não se “embrome” o leitor dando a entender que se conheceu em primeira mão o que não foi lido dessa forma; são um mal necessário, pois é melhor citar em segunda mão do que mentir.

Devem obedecer ao formato abaixo:

Quanto às conjecturas de que eventos chocantes pudessem ter lugar por trás dos segredos, Burkert diz que

É precisamente a analogia com o ritual de droga indo-iraniano, o festival do Soma / Haoma que mostra que um ritual pode persistir mesmo quando a droga original já foi esquecida há muito tempo e substituída por substâncias inofensivas¹⁹.

¹⁹ Cf. George Dumézil. *Le festin d’immortalité*. 1924; R.A. Bowman. *Aramaic Ritual Texts from Persepolis*. 1970; W. Hinz. *Acta Iranica* 4 (1975), 371-385. Cit. por Walter Burkert. *Greek Religion: Archaic and Classical*. Oxford: Basil Blackwell, 1987. P.289 [Note-se que neste caso os nomes completos de Bowman e Hinz são ignorados na citação originalmente consultada - i.e. a de Burkert -, podendo por isso ser mantidos abreviados na citação em segunda mão; pelas mesmas razões a referência à obra de Dumézil encontra-se incompleta].



4.12. Citação simplificada

Nos casos de citação de livro, artigo ou assemelhado (i.e. item com referência incluindo editora, cidade etc.) em obra que inclua bibliografia ao final *pode-se* optar, nas citações dentro do texto, pela remissão simplificada, que inclui apenas o sobrenome do autor e uma versão curta do texto citado, juntamente com a página, coluna ou outro algarismo de referência com o “p.” ou “pp.” (ambos minúsculos, já que surgem após vírgulas).

blá blá blá blá²⁰ blá blá blá blá blá²¹ blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá²².

A referência completa deve estar na bibliografia ao final do texto que se está escrevendo. Os critérios para a abreviação das obras citadas devem obedecer às normas do item 4.8.

No caso das citações ao final desta página, a bibliografia final deve ser:

SPOERRI, Theodor (ed.). *Beiträge zur Ekstase*. Bibliotheca psychiatrica et neurologica. Basel / New York: Karger, 1968.

WULFF, David. *Psychology of Religion: Classic and Contemporary Views*. New York: Chichester / Wiley, 1991.

ZARETSKY, Irving e SHAMBAUGH, Cynthia (eds.) *Spirit Possession and Spirit Mediumship in Africa and Afro-America*. Garland Reference

²⁰ Wulff, *Psychology of Religion*, p.15.

²¹ Zaretsky e Shambaugh, *Spirit Possession*, p.122.

²² Spoerri, *Beiträge*, p.20.



Library of Social Science. New York / London: Garland Publishing,
1978.



4.13. Sistema autor-data

É o sistema de citação mais moderno e tudo indica que ele irá se tornar padrão em poucas décadas. Oferece como vantagens principais:

1. A identificação imediata do livro que se está citando (é desagradável encontrar na nota 245 um “Collins, op.cit. p.15” para ter de voltar 20 páginas atrás e localizar, manualmente, o livro de que se trata na entrada anterior de Collins);
2. Economiza espaço, principalmente se estivermos usando o *Microsoft Word* (que tem o hábito de amputar parágrafos inteiros de texto, de uma página para outra, para encaixar uma nota de rodapé que pode ser apenas uma citação remissiva e sumária);
3. Poupa esforços a quem redige - ao invés de uma remissão simplificada na citação suplementada na bibliografia, temos uma remissão sumária no corpo do texto que é facilmente localizada na bibliografia;
4. Impede confusões entre obras, mesmo havendo muitas do mesmo autor e ano (o ano vem identificado de imediato na própria citação acrescido de uma letra minúscula, em caso de mais de uma obra pelo mesmo autor, num mesmo ano).

Não obstante essas vantagens, os sistemas de referência tradicionais permanecem mais aconchegantes para o leitor comum, especialmente se estivermos com pressa; por analogia com o caso descrito no item 1 acima, ter de folhear 70 páginas para descobrir que (COLLINS, 1979: 1) é COLLINS, John J. (1979) *Semeia* 14. “Apocalypse: the morphology of a genre” torna-se irritante.



No sistema autor-data, as notas de rodapé ou de final destinam-se *exclusivamente* a considerações adicionais e substantivas, e *nunca* a citação de referências.

Seguem abaixo as instruções sumárias para o sistema autor-data, que deve obedecer em linhas gerais às normas listadas acima. Cumpre esclarecer que este *não* é o sistema de citação padrão do PEJ, e que está sendo incluído aqui apenas como apoio caso alguém tenha de apresentar texto nesse formato.

Nos exemplos abaixo alternamos algumas modalidades diferentes de formatação dentro do sistema autor-data:

blá blá blá blá blá blá (COLLINS, 1979: 1) blá blá blá blá blá blá blá
blá blá blá [ROWLAND, 1982: 25] blá blá blá blá blá blá blá blá
(Russell, 1992: 18) blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá
(Russell, 1964: 257) blá blá blá blá blá blá (Duff, 1998: 12; Stone,
1991: 422) blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá
blá blá blá blá blá.

Como se vê, a referência pode ser feita dentro de parênteses (mais comum) ou de colchetes (mais bizarro, porém destaca mais a citação), em maiúsculas ou minúsculas, com ou sem vírgula depois do sobrenome do autor, separadas por ponto-e-vírgula entre cada referência dentro da mesma citação. Referências múltiplas ou consecutivas seguem a mesma lógica.

Podemos ter os seguintes formatos, em resumo:

(SOBRENOME, Ano: número da página)

[SOBRENOME, Ano: número da página]

(Sobrenome, Ano: número da página)



[Sobrenome, Ano: número da página]

(SOBRENOME Ano: número da página)

[SOBRENOME Ano: número da página]

(Sobrenome Ano: número da página)

[Sobrenome Ano: número da página]

Na bibliografia final as referências devem ser:

COLLINS, John J (ed.). (1979). *Semeia* 14: “Apocalypse: the morphology of a genre”.

DUFF, Jeremy (1998). *A Reconsideration of Pseudepigraphy in Early Christianity*. Tese de doutorado. Theology Faculty. Oxford.

ROWLAND, Cristopher (1982). *The Open Heaven*. London: SPCK.

RUSSELL, David S. (1964). *The Method and Message of Jewish Apocalyptic*. Philadelphia: The Westminster Press.

_____ (1992). *Divine Disclosure: an Introduction to Jewish Apocalyptic*. London: SCM.

STONE, Michael (1991). “Apocalyptic - vision or hallucination?” in: *Selected Studies in Pseudepigrapha and Apocrypha with Special Reference to the Armenian Tradition*. Leiden / New York / Kobenhavn / Köln: Brill.



5. Bibliografia

A bibliografia deve vir organizada ao final do texto e obedece, via de regra, às normas das citações embora acrescida de mais dados. Idealmente, a bibliografia deve conter tradutores, primeiras edições, coleções e volumes e todo tipo de informação adicional à localização da obra utilizada. De momento devemos restringir esse volume de informações aos elementos essenciais discutidos abaixo.

Modernamente alguns autores sugerem a indistinção entre fontes e comentadores na bibliografia, com o argumento de que, sendo todos textos, não faz sentido classificá-los da forma tradicional (i.e. dividindo-os em fontes primárias e secundárias), a qual trairia um ponto de vista de hipertrofia da fonte, de objetividade impossível, positivismo e demais doenças do espírito. Como responsável pela orientação do PEJ, considero esse procedimento intelectualmente espúrio e desnecessariamente complicador: a distinção entre os textos *de que se fala* e textos *com a ajuda dos quais se fala*, como diz Umberto Eco, permanece como elemento fundamental na perspectiva de trabalho do PEJ. Desse modo, embora tanto fontes quanto comentários sofram os efeitos das ações dos investigadores, os dois tipos de texto devem estar claramente identificados para o leitor, ainda que por comodidade se possa listá-los em seqüência alfabética na bibliografia - *o tempora, o mores*.



5.1. Comentários (i.e. textos modernos - posteriores ao séc.XVI)

5.1.1. Livro

MOLÉ, Marijan (1967). *La légende de Zoroastre: selon les textes Pehlevis*. Paris: Klincksieck. [formato autor-data padrão do *EndNote*, cf. 1.13]

ou

MOLÉ, Marijan. *La légende de Zoroastre: selon les textes Pehlevis*. Paris: Klincksieck, 1967.

Nos 2 casos e em todos os exemplos subseqüentes, pode-se colocar o sobrenome do autor em caixa alta (distinto de maiúsculas; no *Microsoft Word*, “Formatar > Fonte > Caixa alta”); o resultado será MOLÉ, Marijan. *La légende de Zoroastre: selon les textes Pehlevis*. Paris: Klincksieck, 1967. Dá um ar mais limpo e arejado à citação bibliográfica e pode ser usado em qualquer das categorias abaixo tanto nos sistemas convencionais como no autor-data, mas *nunca* em notas de rodapé ou fim. A mesma formatação pode ser usada em casos de autoria múltipla, como no exemplo seguinte.



5.1.2. Seção ou capítulo de livro

NIDITCH, Susan. “The visionary” in: NICKELSBURG, George W.E. e COLLINS, John J. (eds.). *Ideal Figures in Ancient Judaism: Profiles and Paradigms*. Chico: Scholars Press, 1990.



5.1.3. Artigo

NICKELSBURG, George W.E. “Narrative traditions in the Paraleipomena of Jeremiah and 2Baruch” in: *Catholic Biblical Quarterly* 35, 1973.

Atenção para as aspas inglesas, cf. 1.3.



5.1.4. Autores repetidos

RUSSELL, David S. *The Method and Message of Jewish Apocalyptic*. Philadelphia: The Westminster Press, 1964.

_____. *Divine Disclosure: an Introduction to Jewish Apocalyptic*. London: SCM, 1992.

Na segunda entrada, substituir o nome *e* o sobrenome do autor por 6 traços de sublinhado, “_”. Esse procedimento só vale para repetição literal do mesmo autor e *não* se aplica a autoria múltipla ainda que com autor em comum, e muito menos para uso em nota de rodapé - onde seria usual o “Idem”, “Id. ibid.” etc.; p.ex.

WIDENGREN, Geo. *Die Religionen Irans*. Stuttgart: W. Kohlhammer, 1965.

_____. “Révélation et prédication dans les Gathas” in: *Iranica. Istituto Universitario Orientale Seminario di Studi Asiatici. Series Minor* (10): 339-364, 1979.

WIDENGREN, Geo; HULTGÅRD, Anders e PHILONENKO, Marc. *Apocalyptique iranienne et dualisme goumrânien*. Paris: Adrien Maisonneuve, 1995.

Atenção para que as entradas sempre sigam a ordem cronológica de publicação, ou alfabética para títulos com mesmo ano de publicação.



5.1.5. Autoria múltipla

WIDENGREN, Geo; HULTGÅRD, Anders e PHILONENKO, Marc. *Apocalyptique iranienne et dualisme goumrânién*. Paris: Adrien Maisonneuve, 1995.

ou

WIDENGREN, Geo et alii. *Apocalyptique iranienne et dualisme goumrânién*. Paris: Adrien Maisonneuve, 1995. [o mais comum]

ou

WIDENGREN, Geo et al. *Apocalyptique iranienne et dualisme goumrânién*. Paris: Adrien Maisonneuve, 1995.

ou

WIDENGREN, Geo et alii. *Apocalyptique iranienne et dualisme goumrânién*. Paris: Adrien Maisonneuve, 1995.

ou

WIDENGREN, Geo et al. *Apocalyptique iranienne et dualisme goumrânién*. Paris: Adrien Maisonneuve, 1995. [o mais bizarro]

Em geral utiliza-se o “et alii” e derivados por comodidade para obras com mais de 3 autores ou organizadores.



5.1.6. Anônimos, pseudônimos modernos, presumidos ou psicografados

WOLSEY [pseudônimo de César Zama]. *Libelo republicano acompanhado de comentários sobre a campanha de Canudos*. Salvador: Typographia do Diário da Bahia, 1899.

XAVIER, Francisco C. [ditado pelo espírito de André Luiz]. *Missionários da luz*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1943.



5.1.7. Verbetes de enciclopédias ou obras de referência

Quando se tratar de obra de referência conhecida (como o *Oxford Classical Dictionary* ou a *Paulys Real-Encyclopädie der classischen Altertumswissenschaft*, de August Friedrich von Pauly, cabe uma abreviatura inicial no começo da bibliografia - ex.:

Oxford Classical Dictionary - OCD etc.

Mas, para uma obra menos conhecida, tal procedimento torna-se desnecessário (embora não errado); todavia, se for citar muitos verbetes da obra abaixo, pode ser conveniente abreviá-la por RAC (de *Reallexikon für Antike und Christentum*).

ARBESMANN, Rudolf. “Fasten” in: KLAUSNER, Theodor (org.). *Reallexikon für Antike und Christentum*. Stuttgart: Anton Hiersemann, 1969. P.465.

Para os fragmentos de historiadores gregos organizados por Felix Jacoby, utiliza-se sempre a numeração conferida pelo próprio Jacoby ao autor em questão e *nunca* o número da página em que se encontra a citação; cf. abaixo, 6.3.



5.1.8. Comunicações pessoais, cartas e assemelhados

Devem ser citados na bibliografia com o mesmo critério e bom-senso discutidos no item 4.9 e obedecendo aos mesmos critérios de editoração do restante da bibliografia de comentadores. Se tratar-se de material editado eletronicamente, observar os critérios de respeito à privacidade do autor constantes no item seguinte.



5.1.9. Textos localizados *on-line*

Transcrevo abaixo as normas vigentes para citações bibliográficas na área de humanidades, conforme resumidas na página de Melvin E. Page. “A brief citation guide for Internet sources in History and the Humanities” <<http://www.h-net.org/~africa/citation.html>>. 14/03/2006.

Componentes básicos e pontuação

- Sobrenome + Nome [endereço do autor na Internet, se houver]. “Título” ou “linha com o título da mensagem” in: “Título completo” ou “Título da lista / *site*” + <endereço na Internet> + [*menu path*, se for o caso]. Data de acesso, se apropriado. Armazenado em: se for o caso.

Exemplos:

Listserv Messages

CURTIN, Phillip <curtinpd@jhunix.hcf.jhu.edu>. “Goree and the Atlantic slave trade.” in: H-AFRICA. <h-africa@msu.edu>. 31/07/1995. Armazenado em: <gopher.h-net.msu.edu> [path: H-NET E-Mail Discussion Groups / H-AFRICA / Discussion Threads / Goree and the Atlantic Slave Trade - item number 465].

LOBBAN, Richard <RLobban@grog.ric.edu>. “REPLY: African Muslim slaves in America” in: H-AFRICA. <h-africa@msu.edu>. 04/08/1995. Armazenado em: <<http://h-net.msu.edu/~africa/archives/august95>>.

WALSH, Gretchen. “REPLY: Using African newspapers in teaching” in: H-AFRICA. <h-africa@msu.edu>. 18/10/1995.



World Wide Web (i.e. sites na Internet)

LIMB, Peter. “Alliance strengthened or diminished? Relationships between Labour & African nationalist / liberation movements in Southern Africa” in: http://neal.ctstateu.edu/history/world_history/archives/limb-l.html. 05/1992.

FTP site

HEINRICH, Gregor <100303.100@compuserve.com>. “Where there is beauty, there is hope: São Tomé e Príncipe” in: <ftp.cs.ubc.ca> [path: pub/local/FAQ/african/gen/saoep.txt]. 07/1994.

Gopher Site

“Democratic Party platform, 1860” in: <wiretap.spies.com> [Path: Wiretap Online Library / Civic & Historical / Political Platforms of the U.S.]. 18/06/1860.

GRAEBER, David <gr2a@midway.uchicago.edu>. “Epilogue to *The disastrous ordeal of 1987*” in: Altgopher://h-net.msu.edu:70/00/lists/H-AFRICA/doc/graeber>. Sem data.

Usenet Group Messages

DELL, Thomas <dell@wiretap.spies.com>. “[EDTECH] EMG: Sacred Texts (Networked Electronic Versions).” in: <alt.etext>. 04/02/1993.



LEGG, Sonya <legg@harquebus.cgd.ucar.edu>. “African history book list” in: <soc.culture.african>. 05/09/1994. Armazenado em: <<http://www.lib.ox.ac.uk/internet/news/faq/archive/african-faq>><http://www.lib.ox.ac.uk/internet/news/faq/archive/african-faq.general.html>>.

E-mail Messages

PAGE, Mel <pagem@etsuarts.east-tenn-st.edu>. “African dance and Malawi” in: Mensagem particular de e-mail para Masankho Banda. 28/11/1994.

Duas coisas são importantes de serem lembradas:

1. Para fazer a citação nas notas, basta inverter a ordem de nome e sobrenome;
2. Cuidado ao citar autores famosos seguindo as normas acima ao pé da letra: com certeza Umberto Eco não gostaria de ver seu e-mail pessoal violado e exposto dessa maneira. Se for citar endereços eletrônicos pessoais (basicamente e-mails), peça a autorização do remetente ou simplesmente omita a referência (na primeira citação desse tipo que surgir, se houver alguma, avise o leitor de que não dará o endereço completo de quem mandou ou respondeu por respeito à privacidade, mesmo sabendo que a norma acadêmica manda citar por completo. Ou então peça a autorização do autor *antes* de citar o seu e-mail).



5.2. Fontes

5.2.1. Texto clássico, patrístico ou de tradição religiosa não-judaico-cristã

Informar em seção separada que edições se está utilizando; caso seja a mesma para todos os textos em questão (ex.: a Loeb Classical Library) ,informar no começo da bibliografia; o mesmo vale para coleções sob o mesmo título, como os pseudepígrafos de Charlesworth ou os fragmentos de Jacoby. Alternativamente, pode-se mencionar os títulos um a um, p.ex.:

JOSEFO. *Guerra dos judeus*. 3 vols. Harvard: Loeb Classical Library. 1926-1997.

Nesse caso, deve-se apertuguesar os nomes próprios de autores e livros sempre que estes forem muito conhecidos, como no exemplo acima (e não manter “Josephus” ou “Jewish War” se assim estiver no comentador lido). As entradas devem obedecer à ordem alfabética, sendo recomendável separar textos clássicos de bíblicos, bem como obras literárias de evidência epigráfica ou arqueológica, quando houver.

Para uma relação virtualmente exaustiva das fontes que se utiliza mais comumente no âmbito do trabalho do PEJ, consulte os apêndices no próximo capítulo.



5.2.2. Texto bíblico, apócrifo ou pseudepigráfico

As citações bíblicas, quando vierem da mesma edição da Bíblia, devem ser indicadas sob uma mesma entrada e não livro a livro; basta uma nota no começo da seção referente às fontes da bibliografia. P.ex.:

Para as citações bíblicas, utilizei a *Bíblia de Jerusalém* (São Paulo: Paulinas, 1985).

O mesmo vale para citações do *Talmud*, *Mishnah* ou assemelhados da tradição judaica, p.ex.:

Para as referências talmúdicas, utilizei a edição inglesa de EPSTEIN, Isidore. *English Babylonian Talmud*. Londres: Soncino, 1990. (35 vols.).

Citações de textos pseudepigráficos ou patrísticos podem ser feitas de diversas formas, sendo a que segue abaixo a mais recomendada:

Apocalipse siríaco de Baruch (2Br), in: CHARLESWORTH, James (ed.). *The Old Testament Pseudepigrapha*. New York: Doubleday, 1983-1985 (2 volumes; vol.1).

Livro etiópico de Enoch (1En), in: CHARLESWORTH, OTP 1.

Caso se esteja utilizando comentários individuais (p.ex. a coleção *Hermeneia*), a entrada deve obedecer à ordem dos compiladores, p.ex.:

NIEDERWIMMER, Kurt. *The Didache. A Commentary* (Hermeneia - A Critical and Historical Commentary on The Bible). Minneapolis: Fortress Press, 1988.



STONE, Michael. *Fourth Ezra. A Commentary on the Book of Fourth Ezra* (Hermeneia - A Critical and Historical Commentary on The Bible). Minneapolis: Fortress Press, 1990.



5.2.3. Outros

O caso se aplica a textos modernos que obedecem à sistemas de numeração próprios, como o *Tractatus Logico-Philosophicus* de Wittgenstein, obras filosóficas ordenadas por parágrafos, artigos de códigos jurídicos, contratos e assemelhados, ou a qualquer documento cuja notoriedade e formato peculiar tornem mais conhecido pela numeração própria do que pelo número das páginas. Evidentemente, a bibliografia deve informar de modo tão completo quanto possível que edição se está utilizando.

Ex. na nota:

¹ Gotthold E. Lessing. *A educação do gênero humano*, §24. [E daí em diante qualquer sigla simplificante – DEM segundo o original alemão, “Die Erziehung des Menschengeschlechts”, ou EGH, usando o português, + o parágrafo correspondente]

Mas na bibliografia:

LESSING, Gotthold E. “Die Erziehung des Menschengeschlechts” §24 in: *Sämtliche Werke*. 16 volumes. Org. por LACHMANN, Karl e MUNCKER, Franz. (1886-1924). Berlin / New York: Walter de Gruyter, 1979.



6. Apêndices

6.1. Fontes tipográficas

Normalmente, um texto impresso sob a forma de artigo científico, livro ou assemelhado (mesmo quando se trata de obra ficcional) serve-se de fontes com serifa - i.e. de fontes como Times New Roman, Garamond, Courier New.

A serifa serve de apoio visual ao leitor; *nunca* se deve usar fontes sem elas num texto longo (como Arial, Trebuchet MS, Helvetica). A leitura prolongada de textos compostos em fontes sem serifa é irritante aos olhos e ao espírito do leitor.

Se você tiver de utilizar caracteres não-ocidentais (em especial o grego e o hebraico, mas o mesmo procedimento vale para o siríaco, eslavônico, etiópico etc.), tenha como regra geral que as palavras nas fontes usadas para grafá-las devem estar *sempre* 2 pontos menores que o texto principal: assim,

blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá **proktoj** blá blá blá blá דייד blá
blá blá blá...

Os dois termos em grego e em hebraico estão em corpo 12, o restante em corpo 14 (em função das exigências mecanográficas para a impressão deste manual; o normal seria o corpo principal do texto em 12 e os termos em grego e hebraico em 10).



O corpo principal do texto deve estar, normalmente:

1. Numa fonte com serifa;
2. Em corpo 12;
3. Em espaço 1,5;
4. Em alinhamento justificado;
5. Em parágrafo com recuo de 1 cm;
6. A margem interna *pode*, conforme o tipo de encadernação exigido, ser ligeiramente maior do que o restante das margens (p.ex. 3,5 cm na margem esquerda - i.e. interna - e 3 na direita, ou externa).

As notas, de rodapé ou de fim, devem estar, normalmente:

1. Na mesma fonte do corpo principal do texto;
2. Em corpo 10 (se o texto no corpo principal estiver em corpo 12); também aqui vale a regra referente ao uso de caracteres não-ocidentais - i.e. se estiver citando em grego etc. utilize corpo 8;
3. Em espaço simples;
4. Em alinhamento justificado;
5. Devem obedecer à seqüência numérica do restante das notas (i.e. o uso de asteriscos etc. deve ser mínimo ou inexistente).



6.2. Tabela de abreviaturas comumente usadas para textos bíblicos, apócrifos, pseudepígrafos ou relacionados à Antigüidade judaico-helenística de forma mais ou menos corrente

Textos bíblicos do AT (incluindo apócrifos)

Gn - Gênesis
Ex - Êxodo
Lv - Levítico
Nm - Números
Dt - Deuteronômio
Js - Josué
Jz - Juízes
Rt - Rute
1-2Sm - 1-2 Samuel
1-2Reinos - 1-2 Reinos (LXX)
1-2Rs - 1-2 Reis
3-4Reinos - 3-4 Reinos (LXX)
1-2Cr - 1-2 Crônicas
Ez - Ezra
Ne - Neemias
Est - Ester
Jó - Jó
Sl - Salmos
Pr - Provérbios
Ecl - Eclesiastes (ou Qoheleth)
Ct - Cântico dos cânticos
Is - Isaías
Jr - Jeremias
Lm - Lamentações
Ez - Ezequiel
Dn - Daniel
Os - Oséias
Jl - Joel
Am - Amós
Ab - Abdias
Jn - Jonas



Mq - Miquéias

Na - Naum

Hb - Habacuc

Sf - Sofonias

Ag - Ageu

Zc - Zacarias

Ml - Malaquias

Br - Baruch

Jt - Judite

1-2Mc - 1-2 Macabeus

3-4Mc - 3-4 Macabeus

Eclo - Eclesiástico

1-2Esd - 1-2 Esdra

Tb - Tobias

Sb - Sabedoria de Salomão

EpJr - Epístola de Jeremias



Textos bíblicos do NT

Mt - Evangelho segundo Mateus
Mc - Evangelho segundo Marcos
Lc - Evangelho segundo Lucas
Jo - Evangelho segundo João
At - Atos dos apóstolos
Rm - Epístola aos romanos
1-2Co - 1-2 Epístolas aos coríntios
Gl - Epístola aos gálatas
Ef - Epístola aos efésios
Fl - Epístola aos filipenses
Cl - Epístola aos colossenses
1-2Ts - 1-2 Epístolas aos tessalonicenses
1-2Tm - 1-2 Epístolas a Timóteo
Tt - Epístola a Tito
Fm - Epístola a Filemon
Hb - Epístola aos hebreus
Tg - Epístola de Tiago
1-2Pe - 1-2 Epístolas de Pedro
1-2-3Jo - 1-2-3 Epístolas de João
Jd - Epístola de Judas
Ap - Apocalipse de João



Pseudepígrafos do AT

2Br - 2 Baruch (apocalipse siríaco)
3Br - 3 Baruch (apocalipse grego)
4Br - 4 Baruch (Paralipômenos de Jeremias)
1En - 1 Enoch (apocalipse etiópico)
2En - 2 Enoch (apocalipse eslavônico)
3En - 3 Enoch (apocalipse hebraico)
4Ezra - 4 Ezra
3Mc - 3 Macabeus
4Mc - 4 Macabeus
5Mc - 5 Macabeus (árabe)
5SlSirAp - 5 salmos siríacos apócrifos
Ahiqar - Ahiqar
ApAbr - Apocalipse de Abraão
ApAdão - Apocalipse de Adão
ApDn - Apocalipse de Daniel
ApEl (C) - Apocalipse de Elias (cóptico)
ApEl (H) - Apocalipse de Elias (hebraico)
ApMos - Apocalipse de Moisés
ApocrEz - Apócrifo de Ezequiel
ApSf - Apocalipse de Sofonias
ApSid - Apocalipse de Sidrac
ApZos - cf. HistRec
ArisEx - Aristéias, o Exegeta
Arist. - Carta de Aristéias
Aristob. - Aristóbulo
Artap. - Artapano
AsIs - Ascensão de Isaías 6–11
AsMos - Ascensão de Moisés
CavTes - Caverna dos tesouros
Cl.Mal. - Cleodemo Malcos
Dem. - Demétrio, o Cronógrafo
ElMod - Eldad e Modad
EsJac - Escada de Jacó
Eup. - Eupolemo
Ez.Trag. - Ezequiel, o Trágico
FilPoetEp - Fílon, o Poeta Épico
GrEzra - Apocalipse de Ezra (grego)
Hec.Ab. - Hecateu de Abdera



HistJos - História de José
HistRec - História dos recabitas
JanJam - Jannes e Jambres
Jb - Jubileus
JosAs - José e Asenet
L.A.B. - *Antigüidades bíblicas (Liber Antiquitatum Biblicarum, do Pseudo-Fílon)*
L.A.E. - Vida de Adão e Eva (*Life of Adam and Eve*)
LivNoé - Livro de Noé
MartIs - Ascensão de Isaías 1–5
Men.sir. - Frases do Menandro siríaco
OdSol - Odes de Salomão
OrJac - Oração de Jacó
OrJos - Oração de José
OrMan - Oração de Manassés
OrMos - Oração de Moisés
OrSib - Oráculos sibilinos
OrSinHel - Orações sinagogais helenísticas
Ps.Eup. - Pseudo-Eupolemo
Ps.Fílon - cf. L.A.B.
Ps.Foc. - Pseudo-Focílides
Ps.Hec. Pseudo-Hecateu
Ps.Orf. - Pseudo-Orfeu
QuEzra - Questões de Ezra
RevEzra - Revelação de Ezra
SlSal - Salmos de Salomão
TestJó - Testamento de Jó
TestSal - Testamento de Salomão
Test12 - Testamentos dos 12 Patriarcas
Test12Jud - Testamento de Judá
Test12As - Testamento de Aser
Test12Benj - Testamento de Benjamin
Test12Dan - Testamento de Dan
Test12Gad - Testamento de Gad
Test12Iss - Testamento de Issacar
Test12Jos - Testamento de José
Test12Lv - Testamento de Levi
Test12Naf - Testamento de Naftali
Test12Rub - Testamento de Rúben
Test12Sim - Testamento de Simeão
Test12Zeb - Testamento de Zebulão



Test3 - Testamentos dos 3 Patriarcas
Test3Abr - Testamento de Abraão
Test3Is - Testamento de Isaac
Test3Jac - Testamento de Jacó
TestAdão - Testamento de Adão
TestMos - Testamento de Moisés
Theod. - Teódoto, *Sobre os judeus*
TrPer - As Tribos Perdidas
TrShem - Tratado de Sem
VisEzra - Visão de Ezra
VisIsa. - cf. AsIs
VitProf - Vidas dos Profetas



Apócrifos do NT

3Co - 3 Epístola aos coríntios
ApDos - Apocalipse de Dositeu
ApMes - Apocalipse de Messos
ApocrJo - Apócrifo de João
AposCon - Constituições e cânones apostólicos
ApPe - Apocalipse de Pedro
ApTom - Apocalipse de Tomé
ApVir - Apocalipse da Virgem
AsTg - Ascensões de Tiago
AsVir - Ascensão da Virgem
AtAnd - Atos de André
AtAndMt - Atos de André e Mateus
AtAndPaulo - Atos de André e Paulo
AtBn - Atos de Barnabé
AtFl (sir.) - Atos de Filipe (siríaco)
AtFl - Atos de Filipe
AtJo - Atos de João
AtJoPro - Atos de João (por Prochorus)
AtPaulo - Atos de Paulo
AtPe (esl.) - Atos de Pedro (eslavônico)
AtPe - Atos de Pedro
AtPeAnd - Atos de Pedro e André
AtPePaulo - Atos de Pedro e Paulo
AtPil - Atos de Pilatos
AtTd - Atos de Tadeu
AtTg - Atos de Tiago, o Grande
AtTom - Atos de Tomé
Cerinto - Cerinto
EpAlex - Epístola aos alexandrinos
EpApos - Epístola aos Apóstolos
EpCrAbg - Epístola de Cristo e Abgar
EpCrCéu - Epístola de Cristo do Céu
EpLao - Epístola aos laodicenses
EpLent - Epístola de Lêntulo
EpPauloSen - Epístolas de Paulo e Sêneca
EpTit - Epístola de Tito (apócrifa)
EvBas - Evangelho de Basíledes
EvBn - Evangelho de Barnabé



EvBt - Evangelho de Bartolomeu
EvEb - Evangelho dos ebionitas
EvEg - Evangelho dos egípcios
EvEve - Evangelho de Eva
EvGam - Evangelho de Gamaliel
EvHeb - Evangelho dos hebreus
EvInf (árab.) - Evangelho da infância (árabe)
EvInf (arm.) - Evangelho da infância (armênio)
EvInf - Evangelho da infância
EvInfTom - Evangelho da infância de Tomé
EvJo - Evangelho apócrifo de João
EvMarc - Evangelho de Marcião
EvMaria - Evangelho de Maria
EvNaass - Evangelho dos naassenos
EvNascMar - Evangelho do nascimento de Maria
EvNaz - Evangelho dos nazarenos
EvNic - Evangelho de Nicodemo
EvPe - Evangelho de Pedro
EvPsMt - Evangelho do Pseudo-Mateus
EvSecMc - Evangelho secreto de Marcos
EvTom - Evangelho de Tomé
EvTradMt - Evangelho e tradições de Mateus
HinDn - Hino da dança
HinPl - Hino da pérola
HistJosCarp - História de José, o Carpinteiro
LivBarn - Livro da ressurreição de Cristo por Barnabé, o Apóstolo
LivElch - Livro de Elchasai
MartBart - Martírio de Bartolomeu
MartFl - Martírio de Filipe
MartMt - Martírio de Mateus
MartPaulo - Martírio de Paulo
MartPePaulo - Martírio de Pedro e Paulo
MartPe - Martírio de Pedro
Melkon - Melkon
MemAp - Memória dos Apóstolos
PrPe - Pregação de Pedro
ProtEvTg - Proto-evangelho de Tiago
Ps.Abd. - *História apostólica* do Pseudo-Abdias
Ps.Clem. - Obras pseudo-clementinas
RevEst - Revelação de Estêvão
VisPaulo - Visão de Paulo



Textos de Nag Hammadi*

Os manuscritos em questão são identificados da seguinte forma:

1. Após a sigla por um algarismo romano, que identifica o códice em que se encontra;
2. Após a identificação do códice, por um algarismo arábico, que indica o número do tratado.

1ApTg V,3 - (Primeiro) Apocalipse de Tiago

2ApTg V,4 - (Segundo) Apocalipse de Tiago

Al XI,3 - Alógenes

ApAdão V,5 - Apocalipse de Adão

ApJo IV,1 - Apócrifo de João

ApocrJo BG,2 - Apócrifo de João

ApocrJo II,1 - Apócrifo de João

ApocrJo III,1 - Apócrifo de João

ApPaulo V,2 - Apocalipse de Paulo

ApPe VII,3 - Apocalipse de Pedro

ApTg I,2 - Apócrifo de Tiago

Ascl VI,8 - Asclépio 21–29

AtPe BG,4 - Atos de Pedro

AtPe12Ap VI,1 - Atos de Pedro e dos 12 Apóstolos

DialSalv III,5 - Diálogo do Salvador

Disc 8–9 VI,6 - Discurso sobre o oitavo e o nono

EnsAut VI,3 - Ensino autoritativo

EnsSilv VII,4 - Ensinamentos de Silvano

EpPeFl VIII,2 - Epístola de Pedro a Filipe

Eug III,3 - Eugnostos, o Abençoado

Eug V,1 - Eugnostos, o Abençoado

EvEg III,2 - Evangelho dos egípcios

EvEg IV,2 - Evangelho dos egípcios

EvFl II,3 - Evangelho de Filipe

EvMar BG,1 - Evangelho de Maria

* Devo um agradecimento especial a Julio César Chaves, especialista nos códices de Nag Hammadi, pela acessoria nesta seção. As traduções são especialmente estranhas e, no caso da listagem acima, vieram até nós pelo inglês e em muitos casos o título adotado não corresponde ao original cóptico. Enquanto estudiosos do tema em língua portuguesa, como o próprio Julio, não tiverem concluído seu trabalho, sugiro que seja mantida a norma que segue as abreviaturas e traduções à partir da edição inglesa.



EvTom II,2 - Evangelho de Tomé
EvVer I,3 - Evangelho da verdade
EvVer XII,2 - Evangelho da verdade
ExAlma II,6 - Exegese da alma
ExpVal XI,2 - Uma exposição valentiniana
Fr. XII,3 - Fragmentos
FrSext XII,1 - Frases de Sextus
GrPod VI,4 - Conceito de nosso Grande Poder
Hip XI,4 - Hipsífrone
HipArc II,4 - Hipóstase dos arcontes
IntCon XI,1 - Interpretação do conhecimento
LivTomCont - II,7 Livro de Tomé, o Contendor
Mars X - Marsanes
Melq IX,1 - Melquisedec
Nor IX,2 - Pensamento de Noréia
OrGr VI,7 - Oração de ação de graças
OriMundo II,5 - Sobre a origem do mundo
OriMundo XIII,2 - Sobre a origem do mundo
OrPaulo I,1 - Oração do Apóstolo Paulo
ParShem VII,1 - Paráfrase de Sem
ProtTrim XIII,1 - Protenóia trimórfica
Rep. VI,5 - Platão, *República* 588b–589b
SobBat A XI,2b - Sobre o batismo A
SobBat B XI,2c - Sobre o batismo B
SobEuc A XI,2d - Sobre a eucaristia A
SobEuc B XI,2e - Sobre a eucaristia B
SobUnc XI,2a - Sobre a unção
SophJesChr BG,3 - Sabedoria de Jesus Cristo
SophJesChr III,4 - Sabedoria de Jesus Cristo
StlSeth VII,5 - 3 marcas de Seth
TestVer IX,3 - Testemunho da verdade
Trov VI,2 - Trovão: a mente perfeita
TrRes I,4 - Tratado sobre a ressurreição
TrSeth VII,2 - (Segundo) Tratado do Grande Seth
TrTri I,5 - Tratado tripartido
Zost VIII,1 - Zostrianos



Manuscritos do Mar Morto

Os manuscritos em questão são identificados da seguinte forma:

1. Iniciando-se por um número, que representa a caverna (de um total de 11) onde ele foi achado;
2. Seguido de um “Q” (de Qumran, nome da localidade geográfica do achado);
3. De um número (p.ex. 4Q174) ou de uma sigla convencional (p.ex. 4QFlor ou 4QFlorilegium = 4Q174)

Toda edição de estudo dos MMM contém uma listagem dos textos, que é desnecessário repetir aqui.



Targumim

- TgEst I, II - Primeiro ou Segundo Targum de Ester
- TgFr - Targum fragmentário
- TgIs - Targum de Isaías
- TgKet - Targum dos Escritos
- TgNeb - Targum dos Profetas
- TgNeof - Targum Neofiti
- TgOnq - Targum Ônqelos
- TgPs.-J - Targum do Pseudo-Jônatas
- TgSam - Targum samaritano
- TgYem - Targum iemenita
- TgYer I - Targum de Jerusalém I
- TgYer II - Targum de Jerusalém II



Fílon (os títulos originais em latim foram omitidos, por praticidade)

Abr - Sobre a vida de Abraão
Aet - Sobre a eternidade do mundo
Agr - Sobre a agricultura
Anim - Se os animais são dotados de Razão
Cher - Sobre os querubins
Conf - Sobre a confusão das línguas
Contempl - Sobre a vida contemplativa
Decal - Sobre o Decálogo
Deo - Sobre Deus
Det - Que o pior ataca o melhor
Deus - Que Deus é imutável
Ebr - Sobre a embriaguez
Exsecr - Sobre as maldições
Flacc - Contra Flaccus
Fug - Sobre fugir e achar
Gig - Sobre os gigantes
Prelim - Sobre os estudos preliminares
Her - Quem é o herdeiro?
Hip - Hipóteses
Ios - Sobre a vida de José
Leg 1, 2, 3 - Interpretação alegórica 1, 2, 3
Legat - Sobre a embaixada a Gaius
Migr - Sobre a migração de Abraão
Mos 1, 2 - Sobre a vida de Moisés 1, 2
Mut - Sobre a mudança de nomes
Opif - Sobre a criação do mundo
Plant - Sobre o plantio
Post - Sobre a posteridade de Caim
Praem - Sobre recompensas e punições
Prob - Todo homem bom é livre
Prov 1, 2 - Sobre a providência 1, 2
QE 1, 2 - Perguntas a respostas sobre o Êxodo 1, 2
QG 1, 2, 3, 4 - Perguntas a respostas sobre o Gênesis 1, 2, 3, 4
Sacr - Sobre os sacrifícios de Caim e Abel
Sobr - Sobre a sobriedade
Somn 1, 2 - Sobre os sonhos 1, 2



Spec 1, 2, 3, 4 - Sobre as leis especiais 1, 2, 3, 4
Virt - Sobre as virtudes



Josefo

- V - Autobiografia
- CA - Contra Apião
- AJ - Antigüidades judaicas
- BJ - Guerra dos judeus



Padres apostólicos

1-2Cl - 1-2 Clemente
Bn - Barnabé
Did - Didachê
Diog - Diognetus
HermMand - Pastor de Hermas, Mandato
HermSim - Pastor de Hermas, Similitude
HermVi - Pastor de Hermas, Visão
IgnEf - Inácio, *Aos efésios*
IgnFil - Inácio, *Aos filadélfios*
IgnMagn - Inácio, *Aos magnésios*
IgnPol - Inácio, *A Policarpo*
IgnRm - Inácio, *Aos romanos*
IgnSmirn - Inácio, *Aos esmirneanos*
IgnTral - Inácio, *Aos tralianos*
MartPol - Martírio de Policarpo
PolFl - Policarpo, *Aos filipenenses*



Glossário de termos gerais comuns

abl. - ablativo
abs. - absoluto
ac. acusativo
act. - ativo
adj. - adjetivo
adv. - advérbio
aram. - aramaico
aram. bib. - aramaico bíblico
aram. imp. - aramaico imperial
arm. - armênio
art. - artigo
AT - Antigo Testamento
bis - duas vezes, repetido
biz. - bizantino
ca. - cerca de
can. - cananeu
cap(s.) - capítulo, capítulos
cf. - compare
cit. - citado
cod. - *codex*
col(s). - coluna(s)
conj. - conjunção
consec. - consecutivo
constr. - estado construto no hebraico
copt. - cóptico
Cr - Cronista
D - Deuteronomista (fonte do Pentateuco)
dat. - dativo
def. - definição
deriv. - derivativo
dim. - diminutivo
din. - dinastia
diss. - dissertação de mestrado
E - Eloísta (fonte do Pentateuco)
e.g. - *exempli gratia*, “por exemplo”
ed(s). - editor(es)
eg. - egípcio
et al. - *et alii*, “e outros”



et. - etiópico
etc. - *et cetera*, “e o resto”
ex. - exemplo
extrabibl. – extra-bíblico
f. ou fem. - feminino
fen. - fenício
fig. - figurativamente
fr. - fragmento
fut. - futuro
gen. - genitivo
gr. - grego
HB - Bíblia hebraica
heb. - hebraico
hit. - hitita
i.e. - *id est*, “isto é”, “quer dizer”
ibid. - *ibidem*, “no mesmo lugar”
idem - o mesmo
impes. - impessoal
impf. - imperfeito
impf. cons. - *imperfectum consecutivum*
impv. - imperativo
incl. - inclusive
indic. - indicativo
inf. - infinitivo
inscr. - inscrição
intrans. - intransitivo
isr. - israelita
J - Javista (fonte do Pentateuco)
juss. - jussivo
K - *Kethib*
lat. - latim
lit. - literalmente
loc. - locativo
LXX - Septuaginta (designação genérica para o AT em grego)
m. ou masc. - masculino
mand. - mandaico
Mas - *Masada*
Midr. - *Midrash*
moab. - moabita
ms(s) - manuscrito(s)
MT - Texto massorético (do AT)



N.B. - *nota bene*, “note bem, com cuidado”
nab. - nabateu
neg. - negativo
neut. - neutro
NHC - *Nag Hammadi Codex*
no(s). - número(s)
nom. - nominal, nominativo
NT - Novo Testamento
obj. - objeto
OG - *Old Greek* (designação genérica para o AT em grego)
op. cit. - *opere citato*, “na obra”
orig. - original
P - Sacerdotal (fonte do Pentateuco)
p(p). - página(s)
pal. - palestinese
pap. - papiro
par. - passagem paralela
pass. - passivo
passim - “aqui e ali” (no texto citado)
pers. - persa
pf. - perfeito
pl. - plural
poss. - possessivo
prep. - preposição
pres. - presente
pron. - pronome
PS - Pentateuco samaritano
ptc. - participio
pún. - púnico
Q - *Qere*
Q - *Quelle* (fonte Q, suposto arranjo original dos ditos de Jesus)
Q - *Qumran*
sam. - samaritano
sec. - seção
séc. - século
sem. - semítico
sg. - singular
sir. - siríaco
ss. - e os seguintes, ou subseqüentes
subst. - substantivo
suf. - sufixo



suj. - sujeito
sum. - sumério
superl. - superlativo
tg(s). - *Targum(im)*
TR - *Textus Receptus*
Vg., Vulg. - *Vulgata*
VL - *Vetus Latina*
voc. - vocativo
vol(s). - volume(s)
vs. - *versus*



6.3. Tabela de abreviaturas comumente usadas para coleções ou coletâneas consagradas, obras de referência etc.. Para periódicos não há necessidade de usar abreviaturas, que são mais comuns num texto longo (dissertação, tese ou livro)

ANET: James B. Pritchard. *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*. Princeton : Princeton University Press, 1969.

ANF: Alexander Roberts e James Donaldson (eds.). *The Ante-Nicene Fathers: Translations of the Writings of the Fathers Down to A.D. 325*. Edinburgh / Grand Rapids: T. & T. Clark / Eerdmans, 1989-1990. 10 vols.

ANRW: Hildegard Temporini e Wolfgang Haase (eds.). *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*. Berlin: de Gruyter, 1973 - ... [diversos volumes, organizados em 6 campos temáticos - 1. Politische Geschichte; 2. Recht; 3. Religion; 4. Sprache und Literatur; 5. Philosophie und Wissenschaften; 6. Künste e 3 recortes cronológicos - Teil I: Von den Anfängen Roms bis zum Ausgang der Republik; Teil II: Principat; Teil III: Spätantike - ainda não iniciado; e Teil IV: Register - ainda não iniciado]. Assim, os volumes localizam-se como, p.ex. II.3 etc.

FrGH: Felix Jacoby. *Die Fragmente der griechischen Historiker*. Leiden: Brill, 1954 - ... 13 vols. [disponível também em CD-Rom]

LCL: Loeb Classical Library (abrangendo virtualmente toda a produção literária grega e latina). Cambridge, Mass / London: Harvard University Press / Heinemann, [datas variáveis]

PG: Patrologia grega (coleção da patrística grega). Jacques-Paul Migne. *Patrologiae cursus completus accurante J.P. Migne. Series Graeca*. Paris: Garnier, 1857-1866. 161 vols. [disponível sob a forma



de um HD externo, mas o texto é apenas uma reprodução em *fac-símile* da impressão original]

PL: Patrologia latina (coleção da patrística latina). Jacques-Paul Migne. *Patrologiae cursus completus accurante J.P. Migne. Series Latina*. Paris: Garnier, 1844-1865. 221 vols. [disponível também em 5 CD-Roms]

PNF: Philipp Schaff e Henry Wace (eds.). *A Select Library of Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*. Grand Rapids: Eerdmans, 1975-1979. 14 vols.

TB: Isidore Epstein (ed.). *English Babylonian Talmud*. Londres: Soncino, 1990. 35 vols. [disponível também em CD-Rom]

TLG: *Thesaurus Linguae Graecae*. Compilação de todos os textos em prosa ou verso em grego, dos sécs.VIII a.C. até VI d.C. in: <http://www.tlg.uci.edu/> . [Também disponível em CD-Rom]



6.4. Traduções necessárias e supérfluas

Como regra geral, traduza todas as citações de fontes secundárias (i.e. de comentadores); não há necessidade de informar o leitor disso a cada instante. Por outro lado, quando houver algo de realmente original a ser traduzido, não hesite em fazê-lo, nem em informar o leitor: p.ex.,

o trecho tal da *Guerra dos judeus* é traduzido por Thackeray como blá blá blá, mas parece-me que a tradução mais apropriada para o termo grego tal seria...

E sempre que isso acontecer, não se esqueça de indicar, mesmo que em nota, os motivos pelos quais está oferecendo uma tradução alternativa ou inédita.



7. Bibliografia de referência

ALEXANDER, Patrick H. et alii. *The SBL Handbook of Style*. Peabody: Hendrickson, 1999.

CERVO, Amado L. e BERVIAN, Pedro A. *Metodologia científica*. São Paulo: Makron, 2002.

CHICAGO EDITORIAL STAFF. *The Chicago Manual of Style: the Essential Guide for Writers, Editors, and Publishers*. Chicago: University Of Chicago Press, 1993.

CLINES, David J.A. *The Sheffield Manual for Author & Editors in Biblical Studies*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 1989.

PAGE, Melvin E. “A brief citation guide for Internet sources in History and the Humanities” in: <http://www.h-net.org/~africa/citation.html>. Fevereiro 2006.

